



*Cirandas feministas
na Zona da Mata Sul*
uma luta em movimento

obra coletiva



Cirandas feministas *na Zona da Mata Sul* uma luta em movimento

Obra coletiva

Recife, 2017



edições
sos corpo

Cirandas feministas na Zona da
Mata: um luta em movimento
Obra coletiva

Revisão: Cristina Lima
Edição: Cristina Lima
Organização: Analba Brazão e Simone Ferreira
Projeto gráfico: Mariana Camillo
Fotografias: Acervo SOS Corpo
Tiragem: 1.000 exemplares

Sugerimos e motivamos a reprodução total ou parcial das
ideias aqui expostas por todos os meios (conhecidos ou de-
sconhecidos). Para cópia e difusão dos materiais publicados,
favor citar as fontes.

SOS Corpo
Instituto Feminista
para a Democracia

Rua Real da Torre, 593, Madelena CEP:
50.610-100 – Recife/PE
Tel.: +55 81 3087-2086
FAX +55 81 3445-1905
e-mail: sos@soscorpo.org.br

www.soscorpo.org.br

Apoio:



União Europeia

*Este trabalho foi desenvolvido com o apoio financeiro
da União Europeia. Os conteúdos expressos são
de responsabilidade do SOS Corpo e não refletem
necessariamente a posição oficial da União Europeia.*



*Ficha catalográfica elaborada na Biblioteca
Central da Universidade Federal da Paraíba*





*"Nós fizemos
história pra
ficar na
memória e nos
acompanhar..."*

Simone Ferreira

Quando começamos a atuar junto às companheiras da região da Zona da Mata Sul no enfrentamento à violência contra as mulheres, refletimos que a sistematização de experiência não poderia ser escrita apenas por nós, educadoras do SOS Corpo Instituto Feminista para Democracia. Se assim fosse, seria incompleta e não retrataria a realidade de uma estratégia coletiva que foi construída e todos os passos compartilhados por nós e por elas, nossas companheiras do movimento feminista do Fórum de Mulheres de Pernambuco na Região Zona da Mata Sul, que por sua vez integra a Articulação de Mulheres Brasileiras.

Durante todo o processo, nossa relação não foi entre executoras e receptoras de ações de um projeto, mas de companheiras que constroem coletivamente uma luta para o enfrentamento de uma problemática que envolve a todas nós, mulheres. A sistematização das experiências aqui descritas tem o objetivo de manter viva a memória desta caminhada e disseminar estratégias de luta do enfrentamento à violência contra mulheres na Região da Zona da Mata Sul. As autoras dos textos são militantes Articulação de Mulheres da Mata Sul, são mulheres de diversas faixas etárias, em sua maioria ne-

gras, estão em média atuando no movimento de mulheres há mais de 10 anos, residem no município de Água Preta, Catende, Joaquim Nabuco e Palmares.

Em umas das reuniões sobre as ações de enfrentamento à violência contra as mulheres na região, dialogamos com as companheiras presentes sobre a nossa ideia de elaborarmos juntas a sistematização da experiência do projeto Mulheres tecendo redes pelo fim da violência e perguntamos o que as mesmas achavam. A resposta, inicialmente, foi “falada” através das expressões nos rostos, das mãos contorcidas, das pernas inquietas, revelando o impacto da proposta. Passado o “susto”, as primeiras falas apontavam o desafio da escrita no cotidiano da vida das mulheres que não estão habituadas a escrever sobre suas experiências por motivos diversos, que vão desde o pouco tempo para transpor para escrita a reflexão até o medo a exposição de seus pensamentos e julgamento do “certo ou errado”.

Mesmo com as exposições dos receios todas concordaram e reafirmaram por diversas vezes que gostariam de escrever por elas mesmas as experiências já vivenciadas e ou construídas que se articulavam com a atual

estratégia de enfrentamento à violência contra as mulheres. Algumas das frases mais marcantes para mim foram “Quem disse que não somos capazes?”, de Théofila Lucena; “Vamos escrever do nosso jeito, do jeito que a gente sabe. Não me vejo direito quando alguém escreve sobre e por nós, nem sempre diz o que queremos dizer, não sai da forma que gostaríamos que fosse”, afirmou Magal Silva. Essa afirmação demonstrou que estávamos no caminho metodológico correto e que neste processo todas nós somos sujeitos! E como sujeito temos condições de tecer reflexões sobre nossas experiências vividas e com isso compartilhá-las para fortalecer a luta coletiva por transformação da realidade, que se utiliza de diversos mecanismos sociais e culturais para dominação, exploração e opressão de nós, mulheres.

Toda esta reflexão me lembrou um trecho de poesia de Carolina de Jesus, a qual trabalhamos em umas das oficinas: “Escrevo a miséria e a vida infausta dos favelados. Eu era revoltada, não acreditava em ninguém. Odiava os políticos e os patrões, porque o meu sonho era escrever e o pobre não pode ter ideal nobre. Eu sabia que ia angariar inimigos, porque ninguém está habituado a esse tipo de literatura. Seja o que Deus

quiser. Eu escrevi a realidade”.

A primeira oficina sobre o processo de sistematização das experiências foi com objetivo de trabalhar a memória, articulando o pensar sobre si mesma e sua atuação política e dela o que seria importante ter como registro. O primeiro momento focou em recordações individuais, com exercício de revisitar uma memória feliz já vivida, trazendo à tona muitas emoções. A seguir, trabalhamos a conexão entre o pensar, a escrita, as emoções que estes sucintam, mas também a compreensão sobre o processo de sistematização e por fim o que desejávamos registrar. Neste primeiro encontro buscamos articular o exercício do recordar, a importância do registro e sua contribuição para o fortalecimento lutas políticas. Houve consenso de que a publicação deveria retratar o surgimento dos grupos de mulheres e da Articulação de Mulheres da Mata Sul, estratégias de enfrentamento à violência contra as mulheres antigas e atuais. Decido coletivamente esta etapa, todas saíram com o desafio da escrita, inclusive nós, educadoras.

Por mais que houvesse o desejo e a decisão coletiva de sistematizar a experiência de uma estratégia de enfrentamento à vio-



lência contra as mulheres, havia aquelas que estavam a escrever pela primeira vez, muitas vezes diziam: “não ‘saí’ mais nada”, “não consigo”, “tá certo o que escrevi?”, “não gostei do que escrevi!”. Para lidar com estes questionamentos, tivemos que pensar numa metodologia que tivesse como base a reflexão individual e coletiva sobre as condições reais para escrita, pensando a conjuntura que estavam vivenciando (e olha que esta não estava, ou melhor não está fácil), dupla jornada de trabalho e a militância política,

além do equilíbrio entre os quereres individuais e as sugestões a partir contribuições coletivas, além de criar uma ambiência buscasse acolher os receios, as ideias, e principalmente que estimulasse a seguir escrevendo sem pressionar, mas também sem contribuir para morosidade. Para tudo isso, não tínhamos uma fórmula, mas tínhamos experiências institucionais metodológicas de produção de sistematização e com isso fomos adaptando de acordo com a realidade que estávamos atuando.

Escrever coletivamente traz desafios, porque temos tempos diferenciados para transpor as nossas memórias e nossas reflexões sobre o processo, assim também como para articular a produção individual com a coletiva. Além disso, ainda nos deparamos com todo um turbilhão de emoções que esse reviver nos traz. Pode parecer algo simples descrever o que foi vivido, mas também ressurgem junto as lembranças, sentimentos de certezas, frustrações, ganhos, perdas, dores, questões que estavam bem guardadas. Falar sobre o enfrentamento a violência contra mulheres não é falar sobre “elas”, e sim sobre “nós” frente a essa luta. Porém não pode ser um “nós” que nos fixe no lugar de vítimas, sem reação como resultante de uma cultura machista que reforça a dominação sobre as mulheres. Este processo deve propiciar voz a quem que se percebe como vítima de um sistema patriarcal, mas que se entende como sujeito que resiste e enfrenta, tendo uma das estratégias o compartilhamento de experiências de resistências e de enfrentamento.

Num dos momentos de debate sobre o desafio da escrita para aquele coletivo, foi pautado algo que sempre foi o ponto forte da atuação da Articulação de Mulheres da Mata Sul, que é a fala pública. Sim, para

elas a estratégia da fala pública sempre foi elemento principal de atuação, tendo com diversas experiências a serem compartilhadas como: apresentação de programa de rádio, gravações de spot de rádio, além da tradicional fala em carros e bicicletas de som e megafones nas ruas para levar as reflexões, denúncias e reivindicações, como também as palestras nas escolas e nas comunidades. Quando este assunto foi refletido, elas chegaram à conclusão que há uma lacuna em relação ao registro desse método de atuação que se revela na afirmação de Eliane Nascimento: “Nossa intenção com esta publicação também é contribuir com a memória de luta do movimento de mulheres da Zona da Mata Sul, que possui uma trajetória forte de resistências e enfrentamentos”. Informaram também que há escassos registros sobre sua atuação e que estes são raramente disseminados, pois as mulheres organizadas da região sempre estiveram voltadas para a fala pública, nas ações de lutas. Dessa forma, algumas coisas vão se perdendo porque ficam na memória de uma ou outra militante, reforçando assim a importância da memória escrita da luta feminista no enfrentamento à violência contra as mulheres na região da Zona da Mata Sul. Aprofundando e articulando o debate sobre memória e sistemati-

zação, chegaram à conclusão de que o mexer da memória não é só o recordar e escrever, se faz necessário refletir sobre a experiência vivida, sua articulação com o presente e, no nosso caso, como a mesma pode vir a contribuir com o fortalecimento do movimento de mulheres no enfrentamento à violência contra mulheres.

Durante o processo da escrita, em um dos momentos de debate coletivo, foi apontado que um dos desafios da sistematização é escrever sobre uma estratégia que ainda está em curso, porque não se dispõe muito do tempo para reflexão individual, compartilhamento e acolhimento das ideias coletivas para depois organizar o pensamento e transpô-lo para escrita, em especial quando se vivencia uma conjuntura de golpe político como elas mesmo diziam “vamos dormir com uma notícia ruim e acordamos com outra pior”, significa que a militância é exigida ainda mais no que diz respeito ao enfrentamento a este golpe.

Tivemos como referência metodológica o cuidado em não ditar o que deveria e como deveria estar escrito, mas como educadoras tínhamos responsabilidades diferentes delas no processo de sistematização que é orientar o processo de elaboração individual

considerando o perfil de cada escritora. Daí levantávamos questões relevantes trazidas nos textos escritos por elas e até mesmo de fatos que conhecíamos que seriam interessantes serem mais explorados, no sentindo do texto ser mais bem compreendido pela leitora e leitor. Para fortalecê-las, levamos publicações escritas por autoras do movimento de mulheres populares, poesias de autoras de mulheres negras e de mulheres que passaram a escrever quando mais idade. Essa metodologia proporcionou desmistificar o perfil de quem escreve, que muitas vezes parecia tão distante da realidade delas. Inicialmente, percebemos que a cada sugestão dada por nós educadoras, surtia como uma falta, como se elas não fossem suficientemente “boas” para lembrar e pior como se tivessem feito algo “errado”. Para desconstruir o lugar de “julgadoras” e/ou “aprovadoras” de textos, impulsionamos espaços de compartilhamento. A cada encontro promovemos momentos em que todas faziam a leitura de suas escritas para que o coletivo pudesse opinar, tendo como referência o resgate de memória dos fatos vividos, entendimento do texto, de leitora, mas também de propor sugestões que contribuíssem com a companheira durante o seu processo de escrita.

Importante ressaltar que o compartilhamento dos textos também proporciona a saída do pensar e da escrita solitária, na medida em que dialoga com outras pessoas. Também vai contribuindo para o amadurecimento em receber críticas e ou em se contrapor às mesmas, desconstruindo o “certo” e o “errado”, exercitando a escuta, ampliando o diálogo entre o indivíduo e coletivo. Houveram momentos entre elas em que uma se oferecia para contribuir na escrita, mesmo que aquele texto não fosse de sua responsabilidade. Aqui e acolá eu percebia que aumentava o companheirismo entre elas que buscavam impulsionar cada vez que uma não conseguia seguir adiante com seu texto. Dessa forma o coletivo se apropriou mais das escritas, sentindo-se responsável pela sistematização como um todo. Esta contribuição foi possível porque elas estavam falando das experiências dos seus grupos e estes integram a Articulação de Mulheres da Mata Sul e elas têm uma ação muito articulada. Muitas, mesmo sendo de outros grupos tinham informações porque acompanharam de alguma forma as experiências que estavam sendo contadas e, com o olhar de fora, conseguiam contribuir com as lembranças, que quem vivenciou, nem sempre não conseguia enxergar como relevantes.

Para muitas mulheres, o exercício da escrita é um desafio, mesmo para aquelas que já estão no movimento mulheres, feminista e outros movimentos sociais. É muito comum ouvir que “travou”, que não consegue escrever nada, ou mesmo que tem medo de dizer besteiras e ou de escrever errado, entre outras situações. Por diversas vezes, percebi que todos esses receios vinham do medo de errar, de receber críticas, de ser julgada como menos capaz parte de uma cultura educacional bancária punitiva. Quando, na verdade, estas autoras são os sujeitos que vivenciaram e atuaram sobre a realidade a ser descrita. Logo, ninguém melhor que elas para relatar a experiência vivida. Estavam vivendo a prática da liberdade educativa e isso era em si um desafio. Confesso que, ao ouvi-las falando assim, lembrava de uma música de Oswaldo Montenegro chamada Me ensina a escrever, em que um dos trechos diz o seguinte: “(...) Me ensina a escrever/o papel em branco me assusta”.

Mesmo tendo o desejo de escrever sobre a própria realidade, elas se viram com medo. Explicitaram que a escrita lida com um universo onde ainda prevalece uma concepção em que os homens são referência neste espaço. Nos momentos que nos reuníamos para

discutir a sistematização, citavam que os eles recebem poucas críticas ao falarem em público e ou a escrever determinado texto, mesmo que estes tenham pouca escolaridade. Citavam como exemplo, que no senso comum ao pegar uma publicação, a maioria ainda pergunta “quem é o autor?”, invisibilizando e desmerecendo, dessa forma, toda contribuição que as mulheres têm no universo literário.

Como forma de fortalecê-las e estimulá-las, trabalhamos com recortes de poesias, poemas, letras de músicas, sistematizações de experiências, entre outros subsídios de autores e autoras, mas dando ênfase aos de autoria feminina. Nossa intenção foi a de

acolher a reflexão delas sobre o menosprezo social e cultural as escritas das mulheres, mas também possibilitar um contato com escritoras que também se aproximassem da realidade delas. Sendo assim, durante o processo de sistematização, também apresentamos textos de autoras negras, de classe popular, baixa escolaridade e, que passaram a escrever com mais idade, militantes de movimento feminista ou de outros movimentos sociais que ousaram descrever seus pensamentos, enfrentando o machismo. Esse método impulsionou-as para a escrita, desconstruindo o padrão de autor/a para escrita, onde só homens (e poucas mu-



lheres) – em sua maioria brancos, de alta escolaridade e classe social – têm acesso a difundir suas escritas.

Uma questão relevante durante o processo de sistematização foi o tempo, como falamos anteriormente. A reflexão e o escrevinhar o seu pensar se dão em tempos diferentes. Cada uma tem tempo diferente e isto ficou muito evidente durante as oficinas preparatórias da sistematização, onde sempre era citada a dificuldade de ter esse tempo e se dedicar a essa tarefa, que para muitas daquelas mulheres era uma atividade nova. O trabalho doméstico, como elas mesmas diziam “tem hora para começar, na maioria das vezes vai até a madrugada” Solange, “não tem hora para acabar” Graça. Ouvi vários depoimentos em que ficava explícito que o peso das atividades domésticas ficava sob responsabilidade apenas das mulheres, os companheiros não dividiam o trabalho doméstico. Havia situações em que as mulheres ainda tinham a tarefa do cuidado com os idosos e crianças que moram com elas. Além disso, ainda enfrentavam a ausência do serviço público, como por exemplo a constante falta de abastecimento de água que obriga as mulheres a passarem aproximadamente entre quatro e seis horas para aparar água

para utilização doméstica e ou fica acordada no período da durante boa parte madrugada quando o chega abastecimento, muitas falavam “Nos dias que chega água não tem hora para dormir!” . Mesmo com todos esses desafios, não havia o lugar para lamento e sim para reflexão sobre a experiência e a busca por mudanças, o que me lembrava muito um trecho das poesias de Cora Coralina “Nunca escreverei uma palavra para lamentar a vida. Meu verso é água corrente, é tronco, é fronde, é folha, é semente, é vida!”.

Um capítulo importante durante a elaboração da sistematização da experiência da estratégia de enfrentamento à violência contra as mulheres na Zona da Mata Sul foi o golpe parlamentar, institucional, judicial e midiático no Brasil em 2016, que se deu justo no ano em que iniciamos nossas discussões e escritas. Todo processo do golpe afetou em cheio as estratégias de atuação da militância em âmbito local e nacional. O machismo e racismo sobressaíram fortemente e contribuíram para a perda de direitos assentados na onda crescente do fundamentalismo religioso, piorando o contexto de vida de nós, mulheres, em especial no enfrentamento à violência. Ao mesmo tempo, o movimento feminista esteve (e ainda está

fortemente nas ruas) enfrentando as forças ultraliberais que têm imposto o avanço de pautas na derrubada de direitos historicamente conquistados pelas e mulheres e por outros segmentos historicamente oprimidos e criminalizados pelas elites brasileiras. Em poucos meses, espantosamente era possível observar o desmonte da rede pública de atendimento nos municípios da região. Não foi apenas falta de verba, mas gestões municipais passaram a se desresponsabilizar com as políticas para mulheres, reduzindo equipes dos organismos de políticas para as mulheres, fechando serviços específicos de atendimento às mulheres vítimas de violência sob a argumentação da crise econômica, antes mesmo da transição da governabilidade municipal.

Diante dessa situação as militantes da Articulação de Mulheres da Mata Sul realizaram diversas ações denunciando o golpe e o impacto do mesmo sobre a vida das mulheres, principalmente das mulheres negras, lésbicas e em situação de pobreza ocupando ruas e praças, fortalecendo a luta em defesa da democracia junto ao Fórum de Mulheres de Pernambuco e a Frente Brasil Popular. Numa conjuntura de golpe, outros desafios se sobressaíram como a derrocada dos direi-

tos, perda de benefícios como o bolsa família, desmantelamento da rede de serviços públicos, aumento do desemprego. Companheiras ligadas em projetos e ou programas ligados a gestão governamental perderam seus trabalhos e as que trabalhavam por conta própria com vendas de artesanatos, costuras e alimentos tiveram uma grande redução nas vendas e a luta pela sobrevivência passou a ser uma prioridade. Este contexto nos desafiou ainda mais metodologicamente em relação aos acontecimentos e à estratégia para seguirmos construindo ações para enfrentá-lo, mas também manter nosso compromisso com a escrita. Em diversos momentos, era muito visível a revolta, o cansaço, a preocupação e, por vezes, a desesperança. Esses sentimentos por diversas vezes provocaram dificuldades de seguir com as escritas, pois era possível perceber que elas estavam quase que totalmente consumidas por tudo o que estava acontecendo. Como tentativa de superar este problema, resolvemos que, a cada encontro, teríamos momentos de diálogo para discutir a conjuntura política, os sentimentos que ela nos provocava, tanto individuais como coletivos, e a repercussão destas questões na elaboração dos textos. Dessa forma, não pinçamos o sujeito da sua realidade para que o mesmo passe de um

momento para outro a “executar uma outra tarefa”, na perspectiva de que os processos de recordação, reflexão e escrita também precisam estar articulados e aconteceram ao mesmo tempo no processo do pensar e agir.

Como nossas companheiras de luta feminista sempre foram sujeitos de suas próprias vidas, seguiram resistindo e enfrentando uma conjuntura golpista. Na verdade, ainda seguem porque até o término desta publicação ainda vivenciamos uma conjuntura de golpe político parlamentar em nosso país. Mesmo assim, diante de um momento tão difícil, elas conseguiram, mesmo com horas escassas, em que, ao mesmo tempo, lutavam por sua própria sobrevivência, faziam a luta contra o golpe, fortaleciam a luta política no movimento e em especial em suas organizações, conseguiram cumprir com o desafio de

escrever sobre as experiências política com o objetivo de contribuir com a memória de luta do movimento feminista na região e disseminar experiências que possibilitem o fortalecimento do enfrentamento à violência contra as mulheres. Como elas sempre falavam, “o mundo nunca foi pensado para nós, mulheres!”. Sendo assim é necessário ter ousadia e ,como diz Adriana Falcão, no Pequeno Dicionário de Palavras ao Vento: “Ousadia – é quando o coração diz para coragem ‘vá’ e a coragem vai mesmo”. Esta experiência para mim reforça o aprendizado de que nós, mulheres, seguiremos na ousadia de nos fazermos presentes na história desse mundo que buscamos transformar cotidianamente com a certeza de que, como diz o trecho da música Depois, interpretada por Marisa Monte “(...) Nós fizemos historia/ Para ficar na memória/ E nos acompanhar”.

Articulando o enfrentamento à violência

Eliane Nascimento e
Magal Silva



Nós, que fazemos a Articulação de Mulheres da Mata Sul (AMMS), viemos, com resistência a todas as formas violentas, opressoras, exploradoras e discriminatórias contra as mulheres. Seguimos persistindo, lutando e caminhando com organização e mobilização e fazendo o enfrentamento das condições desiguais e desumanas a que somos submetidas. Nossas organizações são lugares políticos onde as mulheres recebem apoio, formação política e orientação para a ação em movimento, na perspectiva feminista. Pautamos a construção da cultura política que trata as mulheres com igualdade de direitos e oportunidades; incluindo e respeitando seu olhar e suas propostas.

Nossa história – AMMS

Não foi por acaso que surgiu a Articulação de Mulheres da Mata Sul (AMMS). A rede foi pensada e criada no ano de 2005 em um seminário sobre Controle Social, com representantes do movimento de mulheres e profissionais de saúde da região, promovido pelo Centro de Mulheres do Cabo e SOS Corpo Instituto Feminista para Democracia, realizado no Município de Palmares, Estado de Pernambuco. Durante o evento, as mulheres dos grupos e associações perceberam que não havia compromisso por parte da gestão e que a situação da saúde da mulher era gritante. Era preciso mudar o contexto e foi a partir daí que decidimos chamar todos os grupos de mulheres da Mata Sul, para socializar informações e produzirmos juntas a criação de uma rede no sentido de fortalecer a atuação de mulheres urbanas e rurais da Mata Sul no Estado de Pernambuco. Também tínhamos como objetivo construir o mecanismo direto para a atuação no monitoramento dos serviços da saúde nos municípios, trazendo a prática do controle social e luta por direitos humanos, sociais, econômicos, políticos e culturais.

A AMMS é formada por associações, grupos e centros de mulheres dos municípios de

Palmares, Joaquim Nabuco, Catende, Água Preta, Ribeirão, Escada, Quipapá e Cabo de Santo Agostinho, assim como por mulheres que não são de grupos, mas que aderiram à luta em defesa dos direitos humanos. Buscamos sempre fazer uma coordenação colegiada. Realizamos, de forma permanente, reuniões mensais para socialização de informações, fazendo diálogo e pressão sobre os governos locais e estadual, pautando sempre as demandas feministas, organizando ações de rua e articulações com outros movimentos e redes, mas principalmente com o Fórum de Mulheres de Pernambuco e a Articulação de Mulheres Brasileiras, movimentos aos quais pertencemos.

Realidade local

A região da Zona da Mata Sul de Pernambuco é composta por cerca de 23 municípios, marcados pelo patriarcado, onde predomina a dominação masculina, concretizando-se através das relações de poder do homem sobre as mulheres nos espaços públicos e nos ambientes domésticos.

Na região uma minoria dos habitantes é concentradora de bens e capital, excluindo grande parcela da população do acesso aos

bens e recursos básicos que garantem a alimentação, saúde, moradia, educação, cultura, esporte e lazer, para todos(as).

As cidades da Zona da Mata Sul nasceram ao redor dos grandes engenhos e usinas de cana-de-açúcar e cresceram se estruturando para fornecer produtos e serviços exigidos pelos complexos sucroalcooleiros. As atividades eram predominantemente rurais, e os polos de convergência da produção rural sempre foram as usinas e não as cidades. É notório que ainda convivemos com a forte queda da monocultura da cana-de-açúcar em nossa região, com a falta de indústrias para garantir trabalho digno e renda para homens e mulheres, além de uma crise econômica que, de forma nacional, vem dificultando a vida de toda a população brasileira e principalmente das mulheres. Este conjunto de dificuldades nos mostra que é necessário lutar e dar continuidade a projetos políticos em busca da democracia brasileira, uma política de igualdade de gênero e para o enfrentamento à violência contra a mulher na região. No mundo do trabalho, as mulheres são exploradas e essa situação se agrava pela imposição das tarefas de cuidados e trabalhos domésticos como sendo responsabilidades próprias e exclusivas das mulheres. Desta

forma, as mulheres sofrem duplamente e muitas são submetidas à violência doméstica e exploradas sexualmente pelos companheiros, como também por desconhecidos. A conjuntura atual de desemprego na Região da Zona da Mata é visível e muitas mulheres de vários municípios acabam envolvidas na militância político-partidária. Muitas delas são de movimentos feministas que, de forma direta, são incluídas em cargos de confiança nas gestões municipais, ficando impedidas de exporem suas vozes nos atos públicos promovidos pela Articulação de Mulheres da Mata Sul. Com isso, tivemos um esvaziamento de mulheres estratégicas na militância e podemos afirmar que é desafiador para nós fazer a militância e estar nos espaços do governo, porque é preciso garantir nossa autonomia econômica de sobrevivência, mas também é necessário estarmos juntas para desconstruir essa prática política de desigualdade social.

Sem contar que a maioria das mulheres financeiramente depende de si e ainda ajuda seus familiares com o dinheiro que ganha. Para as que têm seus maridos, fica difícil dizer não às oportunidades de trabalho que surgem, porque é uma forma de se libertar da dependência financeira.



Nós, mulheres, temos uma marca que ainda rotula nossas vidas. Assumimos o papel de donas-de-casa, a dupla e até mesmo tripla jornada de trabalho, que por diversas vezes nos impede de assumirmos espaços de poder. Isto vem de uma educação cultural machista que tivemos durante anos.

Mas é importante salientar que, através de várias lutas feministas, nós, mulheres, temos assumido papéis importantes perante a sociedade e temos nos incluído em espaços que por séculos nos foram negados. Nos dias atuais, temos várias representantes feministas nas secretarias, diretorias, nos meios de comunicação e até em organizações

mistas.

É notório dizer que ainda há um longo caminho a percorrer para a transformação e participação de outras mulheres.

Magal Silva, 52 anos

O princípio central da AMMS é lutar pela garantia dos direitos humanos das mulheres perante a sociedade. Quanto à falta de exposição das falas das mulheres diretamente inseridas nos governos, entendemos que é um desafio muito grande, mas isto não impede que continuem atuando em defesa das mulheres. Da parte das mulheres, há uma criatividade e estratégias, sabem analisar, entender e dar respostas para os diferentes papéis na militância no sentido de saber que governo é governo e sociedade civil é sociedade civil e, mesmo com tais papéis atuam pela garantia e luta para novas ampliações de conquistas.

Sabemos também que outras mulheres são submetidas a trabalhos exploratórios pelo comércio e, é comum receberem menos de um salário mínimo nas cidades da região, mesmo trabalhando 8 horas ou mais por dia, principalmente depois da última enchente que devastou diversos municípios. Essa situação confirma que a exploração no mercado

de trabalho acaba contribuindo com a perpetuação da miséria.

Embora a Articulação de Mulheres da Mata Sul tenha contribuído para o empoderamento de muitas mulheres vítimas de violência doméstica a partir das inúmeras ações desenvolvidas na região conseguindo libertá-las desta situação, possibilitando que elas possam ter o direito sobre sua própria vida, ainda assim vivemos historicamente marcadas pelo preconceito de sexo ou gênero, tendo como vítima especialmente a mulher. Embora poucos afirmem que a mulher seja inferior ao homem, na prática, esse preconceito é mais comum do que possamos imaginar. Não é raro, em pleno século XXI, ouvirmos expressões machistas e discriminatórias contra a mulher ou atitudes que confirmem essa posição: homens que ganham mais pelo mesmo serviço, mulheres sendo impedidas ou maltratadas em profissões antes reservadas somente para homens, discriminação legal da mulher e banalização do sexo nos meios de comunicação.

Infelizmente o patriarcado ainda é herança do período colonial se tornando bastante forte pela cultura machista, isso faz com que outras mulheres, principalmente as pobres,

negras e sem renda, sejam oprimidas, vivenciem sentimentos de angústia e medo frente aos agressores que batem, maltratam, estupram, perseguem, humilham e aterrorizam quando elas não fazem o que eles querem, e o pior é que essa cultura é tida como natural pela sociedade local.

Através da Articulação de Mulheres da Mata Sul os grupos se tornaram mais organizados e fortalecidos pela reivindicação dos direitos das mulheres na região, tendo em vista construir formas/estratégias para assegurar a atenção do Estado e da sociedade a partir das nossas necessidades, criando espaços de interlocução para que fossem ouvidas e atendidas.

Por diversas vezes a AMMS realizou ações de impactos na Região, como as vigílias pelo fim da Violência contra a mulher, audiências públicas, controle das políticas específicas para as mulheres e através destas ações éramos convidadas por gestores/as municipais para fazer falas políticas nos eventos, para dialogar diretamente com os delegados da Região sobre as mulheres que sofriam violência e essa interlocução nos dava o reconhecimento do trabalho que fazemos e ao mesmo tempo esse diálogo não impede que façamos críticas contra os governos que não atuam de forma

correta, que não valorizam e nem implantam as políticas públicas para as mulheres, mostramos fortemente de forma política qual o nosso papel perante a sociedade.

Desafios e superações

Um dos desafios da AMMS é que a rede não ficou apenas no controle social, começamos a ser procurada por mulheres diversas e populares da Região que eram vítimas de violência doméstica. Fomos procuradas por mulheres de diversas geracionalidade, raça e classe social, que predominavam na faixa etária entre 17 a 74 anos, negras e vivendo em situação de pobreza. Essas mulheres nos procuravam para pedir ajuda orientação do que fazer quando eram espancadas e também para irmos juntas a delegacia fazer a denúncia. Fizemos isso por inúmeras vezes, mas também, por diversos momentos fomos levar a intimação para os agressores junto com as vítimas. Vale dizer que enfrentamos vários riscos, mais acreditávamos que tínhamos que ser solidárias com as mulheres que buscavam ajuda e isso nos deu força para continuar com a luta.

Com esse trabalho militante e desafiador a AMMS tornou-se referência de enfrentamento à violência contra as mulheres na

região, contudo sempre ficou a reflexão sobre os riscos que corríamos, mas principalmente que não queríamos substituir o serviço da gestão, porque nosso papel é de fortalecer as mulheres e influenciar a política pública para que nós mulheres estivéssemos livres da violência.

Importante salientar que desde que foi criada a AMMS, nunca tivemos um espaço físico nosso, até 17 de maio de 2010 o espaço de redação do Programa rádio mulher, projeto do Centro das Mulheres do Cabo era o lugar de acolhimento, de conversa e de esperança para as mulheres da Região.

Para entender o *Programa Rádio Mulher* foi criado em 1997. Chegou a ter cerca de 200 mil ouvintes de 50 municípios da Mata Sul, Norte de Pernambuco e Litoral Sul de Alagoas. O programa servia como instrumento de denúncia, informação e trazia temas relevantes ao enfrentamento à violência contra a mulher, Lei Maria da Penha, direitos sexuais e reprodutivos entre outros temas que eram solicitados pelas mulheres ouvintes e do movimento feminista.

O programa era montado como uma revista eletrônica, que apresentava músicas, de-

bates, entrevistas gravadas e ao vivo, resumo das principais notícias e fatos ocorridos na Região, Estado e no Brasil e servia como espaço de denúncias principalmente por mulheres que sofriam violência. Além disso, a parceria com a Rede de Mulheres em Comunicação propiciava a troca de reportagens gravadas sobre as campanhas e ações políticas do movimento feminista de todo o país. A equipe fazia produção, elaborava spots de rádio com conteúdos que o movimento feminista elencava como prioritários para a ação de mobilização das mulheres em defesa de uma agenda afirmativa no tocante à defesa dos seus direitos.

O programa era um meio de comunicação que oportunizava as mulheres a fala pública, a fazer parte da mesa redonda de debates, muitas de nós iniciamos nossa fala política ainda desarrumada no Programa e o que nos chamava a atenção é que o programa não exigia que tivéssemos uma linguagem técnica mais uma linguagem que o público entendessem.

Algumas de nós, mesmo sem experiência fomos produtora, apresentadora e repórter de rua, foram desafios que inicialmente amedrontava mais trouxeram resultados positi-

vos e importantes para Região e principalmente para a vida de muitas mulheres que aprenderam a se defender e defender as outras, mulheres que através das entrevistas passaram a conhecer seu corpo e foram em busca de fazer o exame papa Nicolau, porque eram impedida pelos seus maridos de cuidar da saúde, outras que iam diretamente ao programa para denunciar seus companheiros e dar seus depoimentos de que conseguiu sair do ciclo de violência através das entrevistas que escutavam das mulheres dos movimentos feministas de profissionais que falavam de outros assuntos como a Lei Maria da Penha, como também de companheira que através de suas falas incentivavam as mulheres que sofriam violência a denunciar, buscar seus direitos.

Até hoje, apesar de não estar mais no ar o programa continua sendo um marco histórico na vida de diversas mulheres da Região e das que tiveram oportunidades de construir novos saberes através da comunicação. Desde que o programa surgiu que sou ouvinte, morava em Catende e atualmente moro em Palmares, passei por muitas situações de violência doméstica, apanhava quase todos os dias, às vezes apanhava porque ficava calada, meu companheiro me

xingava, maltratava, me chamava de feia e gorda que se eu deixasse ele ninguém ia me querer, eu chorava, e me achava a mulher mais ridícula do universo, sentia nojo de mim mesmo, a minha autoestima nem existia mais, minha filhinha que me dava força para viver.

Mesmo desanimada não deixava de escutar o programa, certo dia a entrevista falava sobre a lei Maria da Penha e aí uma luz acendeu dentro de mim pude perceber que podia denunciar aquele homem que batia em mim por brincadeira, decidi ir a rádio e conversar com a apresentadora e pedir mais orientação sobre o assunto, criei coragem e denunciei e consegui me libertar do ciclo de violência me tornei forte e fui dar meu depoimento no programa, hoje sou uma mulher renovada.

Fabiana Maria 32 anos

Por muitas vezes, fomos alvo dos agressores. Não existia uma política específica para as mulheres e nós fazíamos o papel do governo, colocando em risco nossas vidas juntas com as outras que nos procurava. Com tantos desafios enfrentados decidimos formar comissões de mulheres dentro da



rede para dividir tarefas porque o trabalho e as demandas estavam aumentando e nos dividimos em grupos de Articulação, comunicação, elaboração de projetos, acompanhamentos as mulheres vítimas de violência e Formação Política. A nossa referência crescia na Região ao ponto das mulheres vitima de violência nos procurar em nossas casas e quando elas iam direto para a delegacia e

tínhamos o delegado e funcionários que estavam sensibilizados do seu papel de fazer o enfrentamento à violência contra mulheres, eles entravam em contato, nos ligavam para dar apoio às vitimas, elas se sentiam protegidas por que conversávamos e mesmo sem sermos profissionais em psicologia, aprendemos com a dor das outras a ser solidarias e o que nos encoraja ate hoje é pensar que podia

ser com qualquer uma de nós e porque sempre nos colocávamos no lugar das vítimas.

No ano de 1994 resolvi morar junto com aquele que dizia me amar. Com seis meses após o casamento começaram as agressões psicológicas e física onde ele alegava que tinha muito ciúmes de mim. Com o passar dos tempos mim humilhava constantemente por motivos banais, -diante da situação até então eu achava tudo normal pois já tinha presenciado tudo isso no passado na cada dia meus pais. Mais tinha um diferencial quando meu pai vinha bater na minha mãe de certa forma ele apanhava também, mais comigo era diferente eu apanhava sozinha não tinha reação nenhuma.

Em meios às agressões, empurrões, chutes puxarrancos de cabelos tapa no rosto o tempo foi passando e eu acreditando que tudo ia mudar que um dia ele ia ser diferente, as agressões só aumentavam. Já dois filhos mais o sonho eram de ter uma menina e Ela chegou em meios a tantas agressões e eu suportando tudo por causa dos filhos, em seguida por um descuido engravidei novamente de outra menina aí estou eu com 4 filhos e

as agressões não parava cada vez mais frequentes. Ele saía pra beber e do nada chegava agredindo a mim e as crianças sem explicação.

Ouvia conselhos de muitas pessoas que me dizia, sai desta vida, tu não depende dele, tem emprego casa pessoas que te amam, mais pra mim e imagino que pra muitas nunca foi fácil, também nos criticam por causa disso , mais encontrei força no movimento de mulheres , onde muitas das companheiras me davam força e fui aprendendo sobre meus direitos e sabendo definir de fato os tipos de violência que sofria porque antes achava natural e me culpava por muitas coisas.

O meu sofrimento era tão grande que as mulheres do movimento queriam resolver a minha situação mais diante dos fatos a única pessoa que poderia tomar uma atitude seria eu, passaram-se 17 anos até que um dia Ele mim agrediu mim jogando contra a parede fiquei cheias de hematomas e consegui sair correndo e ir na delegacia ,mais pedi ajuda as companheiras que deixaram seus afazeres e foram ao meu encontro , tive coragem fiz um b.o contra o mesmo e

ele foi enquadrado na lei Maria da penha onde passou 8 meses encarcerado pagando por todas as agressões físicas e psicológicas que eu e meus filhos passamos ,não sei se teria conseguido se não fosse a ajuda das companheiras dos movimentos de mulheres da região do Estado como Fórum de Mulheres de Pernambuco e também do Sos Corpo que na época houve uma CPI da violência e eu fui citada. Fiquei feliz em saber e entender que devemos ter atitude para sair deste ciclo de violência e também esta ligada a uma rede de mulheres isso nos dar força e determinação porque sabemos que não estamos sozinhas.

Adriana Paula –Água Preta

Nossas Ações

Podemos afirmar que as caravanas feministas que tinha como objetivo de discutir sobre a violência contra a mulher, e fortalecer o movimento local de mulheres, realizada pelo Fórum de Mulheres de Pernambuco, foram ações que fortaleceram a Articulação de mulheres e deu um respaldo político maior ao nosso trabalho, bem como a inclusão de novas militantes feministas nas organiza-

ções da Região.

Com as oficinas desenvolvidas nas caravanas, novas mulheres se formavam no campo da política social e se apropriavam das temáticas para intercambiar com outras mulheres de diversas comunidades. Durante os dias que aconteciam a Caravana feminista, as mulheres ficavam juntas participavam de plenárias, rodas de conversas trabalhos em grupos para discutir assuntos sobre saúde reprodutiva, violência contra a mulher, gênero, racismo e sexualidade além de outras temáticas.

Uma lembrança muito boa que tenho da caravana feminista foi quando fizemos uma rodada de conversas com outras regiões contando nossas experiências, a forma de como trabalhamos com as mulheres, como nos juntamos, foi uma estratégia muito boa e dinâmica, porque todas as mulheres eram envolvidas no processo, o respeito com as diferenças os desabafos de historias contada pelas mulheres e a confiança uma nas outras são fatos que nos deram força. Além do Toré feito com o grupo de teatro Loucas de pedra Lilás e outras mulheres nas feiras livres dos municípios da Zona da mata, foram momentos de impactos, prin-

principalmente para o público masculino que a todo o momento nos xingavam e falavam palavras de baixo escalão, do tipo: bando de mulheres vadias, desocupadas, isso é falta de macho entre outras palavras, mais isso não nos intimidava, nos dava força de lutar por tantas outras mulheres que não conhecem e nem tem coragem de reivindicar seus direitos da forma como fazemos, ir pra rua fazer incidência política são momentos de transformação para nós e para a vida de muitas mulheres que sofrem violência.



O contato com outras regiões foram experiências vividas através de troca de ideias, pensamentos, sentimentos e construção de novas estratégias para o enfrentamento as violências vividas pelas mulheres das regiões. Visto que a violência contra as mulheres é uma prática tão antiga que expressa o patriarcado. Ainda em 2009 o Fórum de Mulheres de Pernambuco realizou vigílias descentralizadas pelo Fim da Violência Contra as Mulheres. Vale salientar que as vigílias nos encorajaram para uma política de novas reivindicações por mais Casas Abrigo no Estado de Pernambuco e a Delegacia da Mulher no Município de Palmares por ser um município Polo da Região.

As décadas de 2000, nós mulheres fomos às ruas com mais frequência, fazendo as incidências e também audiências públicas descentralizadas nos municípios para o enfrentamento a violência contra a mulher, fizemos entrega de documentos ao governador com reivindicações a política específica para as mulheres, e, em especial a Delegacia Especializada da Mulher.

Anos de existência da AMMS, nossa luta para o enfrentamento a violência contra as mulheres é permanente, porque acreditamos que

este problema não pode ser visto como um destino que a mulher tem que aceitar passivamente, e é na luta coletiva que podemos levar a educação de que somos sujeitas de direitos e que esses direitos precisam ser garantidos, principalmente a política para que esse enfrentamento exista de fato e de direito.

Ao longo dos anos a AMMS compartilha ações na Região através de campanhas de enfrentamento a violência contra a mulher, que é realizada anualmente nos municípios que agregam a AMMS, na prática as mulheres se organizam para fazer a panfletagem com frases que dão visibilidade no sentido de alertar a sociedade e principalmente as mulheres sobre a importância da denúncia, da Lei de proteção às mulheres, frases que despertam e que são direcionadas para o enfrentamento a violência contra a mulher. As Campanhas tem dado muito certo e tem incomodado muitas pessoas, que nos xingam e ficam sem entender porque os municípios de Água Preta, Palmares, Joaquim Nabuco, Catende e tantos outros se concentram em grupos fazendo as mesmas coisas, chegam até a nos fotografar e expor em redes sociais para nos intimidar, não entendem que estamos juntas para lutar por uma sociedade mais justa e por outras mulheres que não tem a mesma coragem que a nossa.

As campanhas são realizadas na semana de carnaval, nos dezesseis dias de ativismo, festejos e juninos e na semana do oito de março.

Difícil de esquecer

Fatos difíceis de esquecer foram às enchentes que ocorreram em 2010 e 2011, neste período nossas ações foram voltadas para o socorro das mulheres as que estão ligadas a AMMS e para as denúncias das causas, consequências e monitoramento das ações governamentais.

Compreendemos que esta experiência jamais será esquecida, pudemos observar de perto a luta das mulheres pela sobrevivência, pela água, as dificuldades nos alojamentos e a violência traçadas pela forma como eram tratadas pelo exército, sem contar o medo do escuro de serem violentadas nos alojamentos, os palavrões que eram obrigadas a ouvir por parte dos homens, que bebiam e isso acontecia em todos os municípios que foram atingidos pelas enchentes,. As enchentes, além de muita lama, lixo e destruição dos municípios, destruíram casas, locais de trabalho, a produção da agricultura familiar, espaços de convivência das famí-

lias, como igrejas e praças. Entretanto, destacamos que as consequências destas enchentes foram ainda maiores para as mulheres diante da “divisão sexual do trabalho” sendo elas as responsáveis pela alimentação, cuidado com a saúde, limpeza, atenção às crianças as idosas(os) e até mesmo aos animais.

Muitas das mulheres que integram a articulação tiveram suas casas atingidas pelas enchentes, ficando sem ter onde dormir, abrigar as(os) filhas(os) da chuva, com fome e sede, resultando na mobilização das mulheres que não foram diretamente atingidas pela enchente.

Diretamente não fui atingida pelas águas, mais sofri tanto quanto aos que foram, foi muito triste ver tanta lama, tantas famílias desamparadas, sem suas residências e seus pertences, em alojamentos superlotados, também acolhi seis pessoas em minha residência e por diversas vezes me sentia uma pessoa impotente, porque fomos pegos de surpresa por um desastre inesperado, a vontade era de ajudar todo mundo, mais tudo eram muito difíceis, as brigas por comida, por roupas, água para higiene pessoal e até mesmo para beber,

eu parava no tempo e me perguntava ?Quando isso vai acabar? Lembro que no nono dia sem água sem energia eu estava no meio de um monte de roupas para separar e fazer entregas as famílias atingida eu parei, dei um grito pedindo a Deus para ter minha vida normal de volta, mais resisti, tinha que dar força as pessoas que tiveram seus sonhos levado pelas águas.

Magal Silva, Água Preta

A contribuição do Fórum de mulheres de Pernambuco, Centro das Mulheres do Cabo e SOS Corpo, foi de extrema importância na solidariedade, percebemos que não estávamos sozinhas porque sentíamos que outras mulheres se colocavam naquele lugar de tristeza e o movimento contribui na parte da solidariedade da ajuda mutua e para o fortalecimento da participação da sociedade no monitoramento e controle social das ações governamentais. Uma consequência direta para a articulação foi à destruição da casa, onde os equipamentos, materiais pedagógicos documentos contábeis, escritório do Radio Mulher, Ceas Rural e Estação digital, espaço utilizado para as atividades, reuniões e onde eram guardados os documentos e a memória dos movimentos de mulheres e da AMMS.

As enchentes fizeram e continuam fazendo parte da história triste de muitas famílias que ainda nos dias atuais sofrem pela irresponsabilidade dos governos, pela forma errada de realizar o cadastro para recebimento das casas e continuam morando de aluguel.

Podemos falar com propriedade, que essas enchentes, por 02 anos consecutivos, foram motivadas pela ausência de políticas públicas estruturadoras de habitabilidade para essa população, com cidades mal planejadas e insustentáveis nas esferas ambientais, sociais, econômicas e políticas que além de destruir os lares, os poucos bens dessas pessoas, suas memórias e referências, também reflete no aumento da miserabilidade, do analfabetismo, do desemprego, da violência, das epidemias, da desesperança, enfim favorece as relações e os modos de vida desumanos.

Foram muitas lágrimas nos olhos que vivenciamos o sofrimento das mulheres e suas famílias em situação tão desesperadora, não ficamos de braços cruzados, foi uma luta coletiva de todas nós.

Os relatos das mulheres que integram a AMMS mostravam os drama e o desespero de quem teve seus bens, casas, suas histórias, seus trajetos e referências levados pe-

las águas ou cobertos por lama, fazendo com que tivessem como principais perguntas: “Pra onde vou? O que vou fazer da minha vida?” e agora sem emprego, sem moradia o que nos resta é a esperança.

Mesmo as mulheres sendo consideradas mais frágeis, foram elas quem mais agiram, para garantir o alimento para seus filhos, foram elas que vivenciaram com mais frequência as dificuldades de convivência nos abrigos, as brigas pelo recebimento de comida, as humilhações de técnicos mal preparados, o abandono ou a violência dos maridos e ver suas(seus) filhas(os) passarem necessidades e ainda ficaram responsáveis pela limpeza das casas e abrigos. O que foi difícil para elas falar desta “tragédia” sem chorar, sentir dor e revolta.

Morava lá há 25 anos, o anos de 2010 foi muito difícil como mulher e mãe. Quando a enchente chegou pegou a gente em um momento difícil, e a gente não esperava por ela, por minha casa não ser em área de risco, essa pegou de surpresa, a gente ficou sem saber para onde ir. Eu queria ajudar as pessoas, mas precisa ser ajudada. Diante da cheia não podia fazer nada pelos obje-

tos, pois tínhamos que priorizar nossas vidas.

Joseane, AMMS e Centro das Mulheres de Catende

Após a AMMS realizar um diagnóstico da situação dos municípios, movimentos sociais e das mulheres, visitamos os abrigos e municípios, repassamos informações através do Rádio Mulher e disponibilizamos nossas casas para abrigar famílias e como ponto de distribuição de alimentos, água e remédios doados por diversos sujeitos e instituições utilizamos a sede da Associação de Mulheres de Água Preta, Centro de Mulheres de Joaquim Nabuco e algumas de nossas residências.

A luta pela garantia de direitos humanos das mulheres somou-se à luta pela sobrevivência das famílias e reconstrução das casas, instituições e cidades atingidas.

Diante dos inúmeros desafios enfrentados pela AMMS podemos dizer que esse fenômeno foi para além de tantos outros desafios vivenciados por nós, serviu como experiência e a coragem no fortalecimento na atuação de denúncia das condições econômicas, sociais e políticas dos municípios, a luta pela ga-

rantia dos direitos das pessoas atingidas, em especial das mulheres, e o controle social das ações e recursos destinados à Operação Reconstrução.

É muito difícil falar, por que quando a gente pensou que estava se recuperando a água veio outra vez”. As pessoas estavam desesperadas. Não é fácil a gente chegar em casa e encontrar como a gente encontrou né, a rua toda revirada, de pernas pro ar. O problema não foi a limpeza, foi como fomos tratados. Fui voluntária por três semanas e isso me fortaleceu por que se fosse ficar em casa seria pior.

Na primeira enchente meus móveis ficaram danificados, mas na última enchente perdi tudo, por que eles ficaram piores. Essa enchente foi menor, por isso a ajuda também foi pequena. Eu não recebi nenhuma ajuda nesta. “Só sabe quem passa”.

Mônica, AMMS e Associação de Mulheres de Água Preta

Mulheres de garra e coragem

Eliane Nascimento,
Flavia Roberta
e Zeza Bezerra



Cansadas por não termos espaço político dentro do Sindicato de Trabalhadores Rurais, começamos a dialogar o que nós podíamos criar/organizar, para que as mulheres pudessem ter seu próprio espaço político. Nesse ínterim, conhecemos a experiência de uma organização de mulheres que funcionava na cidade do Cabo de Santo Agostinho. E foi através do Centro das Mulheres do Cabo, que Benedita da Silva e Margarida Alves foram motivadas a fundar uma organização que busca abrir espaço para que as mulheres pudessem falar sobre elas, sobre seus direitos e pudessem construir suas reivindicações junto aos órgãos competentes no município, na busca por políticas públicas, com vistas a melhorar a qualidade de vida e a realização de cursos de capacitação profissional, segundo Benedita da Silva, uma das fundadoras do Centro de Mulheres de Joaquim Nabuco:

Para lutar pela garantia dos direitos iguais para homens e mulheres surge nos anos 80 na cidade de Joaquim Nabuco, a primeira de mulheres dessa região, intitulada Centro das Mulheres de Joaquim Nabuco, movimento

liderado por duas grandes mulheres, sindicalistas, feministas e guerreiras, que cansadas de não serem conhecidas pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais, instituiu essa que participavam naquela época, mesmo elas assumindo todos os deveres iguais os homens/ obrigações com a instituição, não conseguiram nas assembleias sindicais terem direito a voz para apresentar e defender o direito da mulher trabalhadora rural. Claro que essa decisão de construir um espaço para as mulheres falarem de suas vidas, angústia, lutas, desejos, dores e sonhos não foi fácil, em especial nos anos 80, numa região extremamente machista, cheia de preconceito, onde as mulheres eram tratadas como objeto.

Não foi fácil também a construção do Centro das Mulheres de Joaquim Nabuco, uma vez que as mulheres ainda não se reconheciam como donas de suas vidas e de seus corpos, neste sentido a primeira luta foi mostrar para as mulheres que o corpo é delas e, para isso foram feitas muitas palestras, roda de conversas sobre temas que tratam seu corpo e sexualidade levando as

mesmas ao reconhecimento do EU! Maria José Bezerra da Silva (Zeza), 52 anos, relata:

Estou no Centro das Mulheres desde sua fundação, eu não sabia dos meus direitos, fui mãe solteira muito cedo, não estudei e tive que trabalhar, sofrendo o preconceito de uma sociedade que não respeitava a mulher que tivesse um filho fora de um casamento. Encontrei no Centro apoio das minhas companheiras e conhecimento sobre meus direitos, não voltei estudar mais criei meus filhos de forma diferente. Com vida tenho 4 filhos, minhas duas filhas foram criadas dentro da organização e estão até hoje junto comigo na luta pelos direitos das mulheres. Eu não vejo minha vida sem o Centro das Mulheres. Hoje faço parte do Conselho da Saúde, Assistência e do Idoso e participo da Articulação das Mulheres da Mata Sul e do Fórum das Mulheres de Pernambuco.

Maria José Bezerra da Silva

O desafio era as mulheres se descobrirem feministas, nesta luta para assim conquistar outras para a luta, juntas levantando a ban-



deira da libertação da vida das mulheres, tais como: direitos sexuais e direitos reprodutivos, sexualidade e violência contra as mulheres.

Não podemos esquecer o histórico de escravidão desta região, que influenciou e influencia na vida dessas mulheres até hoje. O trabalho com a palha da cana muito sofrido, antigamente bem mais desumano e explorador para homens e mulheres, e pior ainda para as mulheres. Não trabalhavam com equipamentos de proteção e o corte da cana era feito com facões e estrovengas e se corria grandes riscos constantes de cortar os dedos ou as mãos, uma vez que não se tinha proteção, além do que tinha ainda o trabalho de plantar e semear a cana, que trás riscos com o manuseio do veneno que pode vir a prejudicar a saúde diretamente. Uma outra coisa é a exposição do corpo ao sol, de uma forma muito brutal, pois as empresas não fornecem proteção aos traba-



lhadores e trabalhadoras, além de tudo isso as mulheres sofrem ainda com o preconceito dos usineiros que não queriam contratá-las porque: menstruam e ficam grávidas e isso as afastam do trabalho por algum período então era visto como prejuízo para as empresas. Por esse motivo muitas mulheres trabalham clandestinas sem a carteira assinada e em engenhos particulares e não nas usinas, perdendo assim seus direitos perante o INSS, como: licença maternidade, férias, décimo terceiro e outros. Por isso, passamos a intensificar nossas ações e trabalhar na luta pela libertação das mulheres, porque, como diz a música de Zé pinto, nós não temos medo de ser mulher e lutamos para mudar a sociedade:

Sem medo de Ser Mulher

*Pra mudar a sociedade
Do jeito que a gente quer
Participando sem medo
De ser mulher.*

*Porque a luta não é só dos companheiros
Participando sem medo ser mulher.
Pisando firme sem medir
nenhum segredo*

Participando sem medo ser mulher.

*Pois sem mulher a luta vai pala metade
Participando sem medo ser mulher.
Fortalecendo os movimentos populares
Participando sem medo ser mulher.*

*Na aliança operaria e camponesa
Participando sem medo ser mulher.
Pois a vitória vai ser nossa com certeza
Participando sem medo ser mulher.*

Com este desafio de mudar a sociedade, o Centro das Mulheres de Joaquim Nabuco, realizou muitas ações voltadas para garantir os direitos para nós mulheres, e para isso investiu bastante em grandes ações e atos públicos nas ruas, para denunciar abusos, garantir serviços públicos e também conscientizar as mulheres da importância delas na luta, acreditamos que as mulheres encontram sentido na busca de direitos quando se vêem como sujeitos do meio o qual são discriminadas, humilhadas e muitas vezes julgadas por suas decisões a favor de si mesmas, porque percebem que a situação que passa diariamente não é sua apenas. Neste período, início dos anos 90 nossa



bandeira principal de luta foi a saúde da mulher, mais atuamos com vários eixos. Logo no início do nosso trabalho com a saúde era para garantir que as mulheres fizessem a prevenção, conscientizando-as sobre a importância do exame preventivo. Com o número altíssimo dos casos de câncer de colo de útero na região e no Estado, passamos a realizar ações específicas e constantes estimulando o exame de prevenção, também conhecido como papanicolau, antes. Identificamos que a luta por saúde puxou naturalmente o debate polemico sobre a violência doméstica, que na época era comum no silêncio das suas casas, uma violência que impediam

as mulheres de cuidar da própria saúde, como por exemplo de não fazer o exame de prevenção de câncer do colo do útero porque não podia negar ter relação sexual ao parceiro nos dias em que antecediam ao exame de, conforme orientação médica.

Reconhecendo o direito de obter uma saúde de qualidade com respeito as mulheres foram realizadas muitas ações no campo da saúde, sendo: campanhas para realização do exame Papanicolau, participação direta no Conselho de saúde do município, blitz nas unidades de saúde, visitas sistemáticas as unidades básicas de saúde para verificar seu funcionamento.

Começamos debatendo e saúde e naturalmente surge outras temáticas transversais e de interesse na vida das mulheres. A violência contra as mulheres era um tema da vivência da maioria das mulheres da região, pois o machismo se faz muito forte e os homens se “consideravam donos delas”. Através do Projeto Menina Mulher e Cidadania / realizado pelo Centro das Mulheres do Cabo, começamos a trabalhar com as mulheres escutando e as encorajando com apoio técnico e de formação das mulheres.

Para estimular a participação nas atividades e o debate foram montadas algumas estratégias, uma vez que os maridos, namorados ou companheiros não queriam suas mulheres em espaços que proporciona-se conhecimento, não queriam elas libertadas da vida de submissão. Realizamos cursos de artesanato, com vistas a estimular a autonomia financeira, elas produziam e tinham seus recursos próprios e assim saíam da palha da cana de açúcar, quem desejasse, porque nosso princípio é respeitar o direito de escolha da mulher.

Na região da Zona da Mata Sul as mulheres não eram vistas como uma boa mão de obra, pois menstruavam, engravidavam, e ainda assumiam responsabilidades pela família precisando assim faltar ao trabalho (conforme já citamos acima) então ainda entre os anos 80 e 90 não tínhamos “muita” oportunidade para as mulheres, uma vez que as oportunidades eram as usinas, a prefeitura, e poucas viviam de pensões.

Em 2007, houve uma renovação da coordenação do Centro. A companheira Benedita Ferreira continuou no grupo como sócia

fundadora e a coordenação foi assumida por três jovens “mulheres e feministas” Alessandra Bezerra, Eliane Nascimento e Márcia Cristina que na época toparam com responsabilidade seguir com a luta pela garantia dos direitos das mulheres. As novas diretoras continuaram com buscaram uma vida melhor para as mulheres do município. Neste período, a instituição se remeteu a três linhas de ação saúde da mulher, Juventude e Geração de Renda, onde trabalhava de maneira forte temas como: Direitos Sexuais e Reprodutivos das mulheres, Protagonismo Juvenil e Cursos profissionalizantes pensando a autonomia econômica das mulheres.

Queremos inovar o trabalho, construir através da escuta de opinião das mulheres, desejamos trazermos novos projetos e cursos para as mulheres. Não podemos nem queremos deixar este trabalho se acabar. Nova direção/Arquivo ata 2007.

Passamos a descentralizar nossas ações que antes ficavam muito na sede, e fizemos parcerias e ampliamos para os bairros, escolas e também nos engenhos, porque percebemos que as mulheres participam mais quando a atividade é mais perto de sua residência.

Para fortalecer a ONG que já era articulada com os outros grupos de mulheres da região, passamos a atuar junto com o Fórum de Mulheres de Pernambuco/FMPE, através da Articulação de Mulheres da Mata Sul/AMMS, que ajudamos na fundação, porque percebemos a importância de uma rede regional onde pudessemos fortalecer nossas bandeiras e se fortalecer. Atestamos que a parceria com estes movimentos vieram a contribuir ainda mais na luta, em especial na busca pelo fim da violência contra as mulheres na região.

Construímos no município e na região uma rede de acompanhamento as mulheres vítimas de violência onde as mesmas passam por um processo de formação política em seus bairros no município e aquelas que estão em situação de risco é acompanhada diretamente pelo Centro das Mulheres de Joaquim Nabuco e a coordenadoria da Mulher em uma parceria que vem do Projeto de enfrentamento da Violência contra as mulheres nos quais, são vivenciadas ações ligadas as mulheres, seus filhos e todos os agentes ligados diretamente a rede de acompanhamento: policia, coordenadoria da

mulher , saúde e ação social.

A nossa organização foi crescendo no município com nosso trabalho agregando muitas mulheres na luta, principalmente através do trabalho local de formação, com as palestras/oficinas/rodas de diálogos e seminários realizados no centro, nas escolas, nos bairros e engenhos do município.

Percebemos que as palestras realizadas nas escolas motivaram vários jovens a querer participar do Centro das Mulheres de Joaquim Nabuco, a se inserirem na luta pela conquista de direitos das mulheres e jovens do município. Por isso, estimulamos a organização de um grupo de jovens mixto (mulheres e homens) dentro do Centro de mulheres de Joaquim Nabuco, que atuou no campo da formação política, do trabalho com a arte (teatro e a musica), sempre usando as temáticas de acordo com o calendário feminista e usando essas apresentações nas grandes ações de rua que é uma marca das ações do Centro das Mulheres de Joaquim Nabuco.

Tornamos o Centro das Mulheres de Joaquim Nabuco a organização com maior nu-

mero de jovens protagonistas, trabalhamos de geração para geração, na defesa e garantia dos direitos das mulheres e dos jovens da área urbana e rural. Também ampliamos nossa área de atuação, com o propósito de formar sementes e transformar as mulheres da região canavieira.

As principais ações desenvolvidas, a partir destes trabalhos realizados, foram: Seminários, Oficinas, Encontros, Debates, Passeatas, Panfletagens, audiência pública, campanhas como por exemplo a de ação pública no carnaval contra as músicas de baixo nível que denigre a imagem de nos mulheres e Cursos Profissionalizantes.

Com essa crise política instalada, esta cada vez mais difícil acessar recursos para cus-

tear nossas ações, mais não desistimos do nosso projeto político feminista e como diz a música de Milton Nascimento, continuamos na luta, por que temos força, temos raça e temos gana e somos muitas marias na luta por transformação da nossa realidade:

*Mas é preciso ter força,
É preciso ter raça
É preciso ter gana sempre,
Quem traz no corpo a marca
Maria, Maria,
Mistura a dor e a alegria...*

Milton Nascimento

Essa é nossa história. Escolhemos os momentos e conquistas marcantes nessa trajetória de 27 anos. E que venham muitos outros anos na defesa dos direitos das mulheres.

Lutas, desafios e conquistas

Edilma Aquino,
Edvânia de Paula
e Vanessa Silva



Ao longo de sua história, a AMAP - Associação de Mulheres da Água Preta conta com parceiras temporárias e permanentes que contribuem para implementar as ações planejadas de formação política como, por exemplo, capacitações, oficinas, cursos, palestras e outras atividades de geração de renda possibilitando a execução dos projetos de intervenção social elaborados pela Instituição, parcerias estas que fortalecem o trabalho de base realizados com as mulheres atendidas pela AMAP.

É importante frisar que a AMAP é uma instituição que compreende a importância das discussões que envolvem o município e que tem a ver com as mulheres, porém são de cunho estadual e nacional, por entender essa relevância atualmente temos representantes na AMMS – Articulação de Mulheres da Mata Sul e na Coordenação do Fórum de Mulheres de Pernambuco – FMPE.

A AMAP vem fazendo parte da AMMS desde de sua formação no ano de 2005, onde consideramos que essa participação tem uma relevância no sentido de fortalecer as pautas do movimento de mulheres de for-

ma regional para que as políticas públicas sejam efetivadas em todos os municípios da mata sul. Entendemos ainda que essa participação tem ofertado o empoderamento da associação através desse coletivo.

Desde o seu surgimento a AMAP compreendeu que para contribuir com a igualdade de gênero e alcançar a autonomia financeira das mulheres seria/é necessário ter uma visão ampla dos espaços de discussão, monitoramento, avaliação das políticas públicas direcionadas para as mulheres.

Realizamos atividades educativas nas comunidades, atuando nas áreas urbanas e rurais, em escolas do município com temáticas diversificadas, porém que trata das questões dos Direitos Sexuais e Reprodutivos das mulheres e juventude, violência contra a mulher e racismo. Essas palestras são realizadas de acordo com as demandas das comunidades e escolas, geralmente um/a responsável convida a associação para realizar oficinas, rodas de diálogos, palestras e outros nos respectivos locais citados, além de realizar oficinas na sede da entidade com o objetivo de levar informações à

suas associadas, principalmente as sócias que estão chegando à entidade.

Formação Política

Sabemos que as mulheres desde cedo são ensinadas a seguir um modelo de educação patriarcal e machista cultural, modelo este que infelizmente coloca a mulher em posição inferior aos homens aonde as mesmas são excluídas, proibidas de discutir assuntos importantes como: participação política, saúde, economia, cultura, lazer, esporte, mercado de trabalho, direitos humanos e outros temas que são extremamente importantes para a sua emancipação na sociedade. O nosso trabalho de Formação Política na AMAP acontece com objetivo de ofertar conhecimento e oportunidades para as mulheres obter conhecimento e discutirem as temáticas mencionadas, e apresentar propostas de melhorias para sua qualidade de vida com maior respaldo.

Esse trabalho vem sendo realizado a partir de rodas de conversas, seminários, oficinas, palestras e também através de parcerias com o movimento de mulher e feminista



da região com a Articulação de Mulheres da Mata Sul - AMMS e do Estado através do Fórum de Mulheres de Pernambuco – FMPE, onde nossas sócias participam de atividades de formação dessas redes ampliando seus conhecimentos e discutindo os temas de forma mais ampla para além das discussões municipais com o intuito de garantir os Direitos Humanos das Mulheres a partir das pautas levantadas pelo movimento de mulheres e feminista.

Existiram parcerias com as coordenadorias da Mulher e de Juventude do município da Água Preta para realização de ações con-



juntas de formação política com mulheres e jovens da área rural e urbana onde foram trabalhadas temáticas diversificadas que tiveram objetivo além de levar conhecimento para este público, desenvolver também o senso crítico na perspectiva de avaliar as políticas públicas municipais exercendo desta forma o controle social.

É importante destacar que desde o ano de 2014 esta parceria não acontece, por falta de interesse dessas coordenadorias, pois nos últimos 03 anos, fizemos diversas tentativas, porém sem obter êxitos.

No ano de 2013 tentamos resgatar o grupo de Jovens da AMAP, que foi criado em 2009 com o objetivo de contribuir com a formação política de jovens com foco nas Políticas Públicas para Juventude, e também realizar as discussões de gênero com um público misto, pois nós da AMAP acreditamos que discutir gênero com jovens, homens e mulheres é indispensável para alcançarmos a tão desejada igualdade de gênero porque é importante que as mulheres reconheçam que têm direito a igualdade, mas é preciso e necessário que os homens também tenham esta compreensão,

pois comungando da mesma visão, acreditamos que os conflitos entre os sexos seriam evitados, porém não tivemos os resultados que esperávamos naquela época, mas ainda continuamos acreditando nesta causa.

A Cooperativa Alice Alves a ideia da formação desta cooperativa veio com o curso de corte e costura que surgiu da iniciativa do Governo do Estado de Pernambuco através da Secretaria de Ciências e Tecnologia, com a formação do CVT – Centro Vocacional Tecnológico em parceria com a AMAP, onde a associação disponibilizou a Sede da Instituição e mobilizou as mulheres para participar do curso. Os Centros Vocacionais Tecnológicos (CVT) são unidades de ensino e de profissionalização, voltados para a difusão do acesso ao conhecimento científico e tecnológico, conhecimentos práticos na área de serviços técnicos, além da transferência de conhecimentos tecnológicos na área de processo produtivo. Após o curso o CVT equipou uma sala para que estas mulheres continuassem a produzir e gerar renda coletivamente, e continuou principalmente lutando por parcerias que impulsionem o trabalho desenvolvido.

Espaços de representações

Conselhos Municipais (Controle Social):
Somos uma instituição que valoriza o exercício do controle social por entendermos que o mesmo é bastante relevante para garantia da implementação das políticas públicas voltadas para as mulheres, por este motivo desde a fundação da AMAP decidimos que ocuparíamos espaços em todos os conselhos municipais, que são sem dúvida um espaço de proposição, discussão e deliberação das políticas públicas, e que nestes teríamos como objetivo lutar por uma política de qualidade que venha atender as mulheres como sujeito de direitos.

Acreditamos que temos que fortalecer esses espaços de democracia, que nos abre a possibilidade de conseguirmos outra realidade, embora muitos conselhos ainda atuem de forma que careçam urgentemente de melhorias não desanimamos, pois sabemos o quanto a sociedade civil lutou para garantir a criação desses conselhos para podermos ter vez, voz e voto, e principalmente o direito de opinar e fiscalizar as verbas destinadas às políticas públicas para melhorar a quali-

dade de vida das pessoas e especificamente das mulheres que é o nosso foco principal.

Atualmente os Conselhos estão extremamente fragilizados por falta de articulação política no que se refere a responsabilidade da gestão pública, e coletivamente definimos que vamos batalhar para contribuir com o fortalecimento dos mesmos, com o objetivo de fortalecer as políticas direcionadas para as mulheres, e estimular a implementação dessas políticas.

A partir de todo contexto aqui apresentado a AMAP vem se fortalecendo, se renovando, e passa atualmente por um processo interno de reestruturação na gestão, mas temos a certeza de que em todos estes anos tivemos grandes conquistas resultante de um esforço de todas as mulheres envolvidas, desde as sócias a todas as diretoras que deram suas contribuições para o crescimento deste espaço. Consideramos sem dúvida alguma, de que nos tornamos uma organização mais forte e sólida na luta pela igualdade de direitos entre mulheres e homens na sociedade.

Ao longo de sua história a AMAP enfrenta desafios grandes para fortalecer a rede de atendimento à mulher, essas dificuldades tiveram aumento significativo entre os anos



de 2013 a 2016, onde constatávamos claramente que o município não tinha a preocupação de efetivar as políticas específicas para as mulheres, salientando que estas políticas e ações são uma forte arma no combate a violência contra a mulher.

Todas nós temos o direito de viver em um ambiente livre de violência, de sermos respeitadas e para isto é necessário que a lei garanta e assegure nossos direitos, e que o município de Água Preta construa com a participação direta das mulheres a forma de trabalhar não apenas a questão da violência contra a mulher, mas a sua autonomia, igualdade de gênero fazendo-a protagonista e capaz de decidir sobre sua própria vida.

Depoimento:

Eu, Edilma Cristina de Aquino, 36 anos, Feminista, estou no movimento social há em média 12 anos, fui apresentada ao movi-

mento através de Edvânia de Paula, nesses 12 anos, eu passei por tantos desafios que se fosse contar daria um livro, mas vou citar um deles que mim marcou muito quando tinha 26 anos que foi acompanhar diretamente uma mulher vítima de violência a delegacia. Depois que ela prestou o depoimento fomos no carro da polícia deixar a mesma em casa, ao deixa-la o agressor estava na redondeza e me viu. Fiquei muito assustada durante vários dias até que o mesmo fosse preso. Eu tinha medo que ele me encontrasse e tentasse me fazer algum mal, pois no mesmo dia que a vítima prestou depoimento o agressor tentou matá-la mais uma vez, ela me procurou novamente, então a levamos para Delegacia Regional de Palmares onde ela passou praticamente um dia inteiro na respectiva delegacia, onde foi acionado o movimento feminista e a Secretaria da Mulher de Pernambuco na tentativa de conseguir uma vaga numa casa abrigo, a vítima além de ser violentada estava grávida, foi um momento desesperador porque eu não temia só por ela, mas temia por mim e pelo bebê que ela carregava, mas no final deu tudo certo. Foi conseguido a casa abrigo para ela, onde foi levada em segurança, poucos dias depois ele



foi preso e eu fiquei mais calma, a sensação foi de alívio e de muita força que nem eu mesma sabia que tinha, pois foi nesse momento que eu descobri que o movimento me fortalece mais do que eu imaginava, eu descobri a mulher forte que existia dentro de mim na tentativa desesperadora de salvar duas vidas e mandar um agressor para a cadeia. Eu jamais esquecerei esse dia, pois foi o dia em que eu aprendi realmente a valorizar o movimento e descobri a força que o mesmo tem quando se trata de protegermos umas às outras.

Ao tentarmos fortalecer esta rede de atendimento esbarramos em diversas problemáticas, além das citadas acima, não poderíamos deixar de destacar a falta de segurança em nossa cidade que conta apenas com dois policiais militares para atender toda a demanda do município, sabemos que a falta de segurança é uma realidade do Brasil, mas é preciso que este espaço de atendimentos aos casos de violência estejam funcionando de forma adequada, garantindo o mínimo de qualidade ao receber uma mulher vítima de violência. As mulheres que buscam as delegacias e os órgãos municipais precisam se sentir seguras no atendimento que estão

recebendo, pois, as mesmas chegam a estes locais cheias de incertezas e inseguranças. A partir das experiências vivenciadas na Escola Feminista no ano de 2014, passamos a monitorar com mais frequência as ações específicas para as mulheres no município, com esse diálogo percebemos com mais afinco a nossa realidade, em consequência desse despertar, foi daí que decidimos enquanto associação nos reunirmos para discutir a nossa participação enquanto sociedade civil organizada e buscar alternativas junto ao poder público para melhorar a qualidade de vida de nós, mulheres.

Após nos reunirmos decidimos cair em campo para dar continuidade a uma luta que não é de agora, que vem de anos, onde diversas companheiras foram sacrificadas para que pudéssemos está aqui hoje dando continuidade a essa luta, luta essa que nos permite está aqui nesse momento vivenciando essa experiência única de poder contar um pouco de nossa história de luta em prol dos direitos das mulheres.

Sendo assim, a AMAP deu início as buscas para efetivar as políticas públicas para as

mulheres, começamos nosso diálogo pela Coordenadoria Municipal da Mulher que é um dos órgãos mais importantes em um município na efetivação das políticas para as mulheres. Elaboramos um questionário a ser aplicado ao referido órgão, onde constatamos o quanto a Coordenadoria está fragilizada. Percebemos que o município é desinteressado em ofertar ações específicas para as mulheres.

Encontramos uma Coordenadoria sem condições mínimas de trabalho, profissionais sem qualificação para está naquele local e nos incomodando com esta situação nos oferecemos para fazer uma formação com as profissionais da referida instituição, mas não obtivemos sucesso, demonstrando o tamanho desinteresse pela causa. Não obtendo respostas do órgão acima citado, não paramos por aí, fomos em busca de mais, procuramos o secretário de Desenvolvimento Social e Direitos Humanos, na qual a Coordenadoria da Mulher é subordinada, onde o mesmo assumiu um compromisso conosco enquanto associação para melhorar as condições de trabalho e qualificação profissional do espaço.

Mas uma vez não obtivemos respostas da referida secretaria, fomos mais além, procuramos diretamente o atual gestor municipal, onde entregamos um relatório com fotos da situação não só da Coordenadoria da Mulher, mas da precarização no atendimento em todo o município. Nesse diálogo, onde acreditamos que poderíamos obter uma solução, na verdade foi decepcionante, pois o mesmo disse em alto e bom som para todas que estavam naquele exato momento que não tinha que ter separação entre homens e mulheres no atendimento, uma das companheiras se referiu a ele salientando que os direitos da mulher são previstos em lei e o mesmo respondeu que é ele quem faz as leis, diante da resposta do gestor municipal saímos do respectivo local bastante desapontadas, porque o prefeito seria a pessoa em quem encontraríamos soluções para a problemática apresentada.

Mesmo decepcionadas não paramos de lutar pelas causas que achamos justas e fomos em busca de novos meios e nosso trabalho de incidência política no município continua porque não desistimos nunca de lutar pelos direitos das mulheres.

Diante dos crescentes casos de violência sexual no município procuramos dialogar com a delegacia civil, foi onde percebemos que a situação é bem pior do que podíamos imaginar além da falta de segurança pública, pouco contingente policial, constatamos o quanto a nossa rede de atendimento a mulher é carente e precisa ser fortalecida, saímos com a sensação de que estamos mercê da própria sorte.

O projeto executado pelo Instituto Feminista pela Democracia- SOS Corpo, Mulheres Tecendo Rede pelo Fim da Violência Contra a Mulher, norteou nossas ações e nos fortaleceu no momento em que estávamos fragilizadas e questionando a nossa atuação nessa incidência política e onde nos encontrávamos bastante desanimadas e com a sensação de que lutamos e lutamos e não saímos do lugar. O projeto veio no momento em que mais necessitávamos e mais precisávamos de apoio e que nos foi negado em todas as esferas municipais.

O SOS Corpo realizou diversas atividades na AMAP e encontros regionais com todas as cidades envolvidas na execução do projeto, encontros estes que trocávamos ex-

periências das vivências de cada grupo e associações de mulheres, onde uma buscava apoiar a outra e fortalecer os grupos a partir dessas trocas.

Outra ação importante foi a realização dos Fóruns Interprofissionais no município, onde convidamos os diferentes segmentos da gestão municipal, Conselhos Municipais, Ministério Público, Delegacia Civil e Polícia Militar, mas infelizmente só alguns órgãos municipais compareceram para a referida atividade.

O nosso maior desafio enquanto instituição é sempre ouvir não e nunca desistir, com esses não nos fortalecemos para ir em busca da efetivação dos direitos das mulheres, e entendemos que é necessário continuarmos lutando por essa rede, pois temos que fortalecer a luta por nós e pelas outras mulheres. Porque o fato de sermos do movimento feminista não nos isenta de viver e passar por essas situações, pois mesmo sendo do movimento, somos mulheres expostas a qualquer tipo de violência como qualquer outra independente do espaço que ocupemos, temos que encontrar forças para enfrentar a cada

dia o machismo que parte da sociedade, de um modo geral, independente do sexo, que não compreende e nem apoia a nossa luta, mas mesmo assim não desistimos de lutar por uma sociedade mais justa e igualitária, pois este é o lugar onde escolhemos estar e pretendemos continuar a luta.

Depoimento:

“Sou Adriana Paula da Silva Ramos, tenho 41 anos, e no ano de 1994 resolvi morar junto com aquele que dizia me amar, com seis meses após o casamento começaram a agressões psicológicas e físicas, onde ele alegava que tinha muitos ciúmes de mim. Com o passar dos tempos me humilhava constantemente por motivos banais, diante da situação até então eu achava tudo normal, pois já tinha presenciado tudo isso na casa dos meus pais, mas tinha um diferencial, quando meu pai vinha bater na minha mãe, de uma certa forma ele apanhava também, mas comigo era diferente, eu apanhava sozinha, não tinha reação nenhuma. Em meio as agressões e empurrões, chutes, puxões de cabelos, tapas no rosto, o tempo foi passando e eu me acomodando, daí en-

tão veio o meu primeiro filho achando que tudo poderia mudar, mas foi um engano, tudo continuava do mesmo jeito, ou até pior, pois agora era eu e meu filho que eu tinha que defender desse miserável agressor. Eu não conseguia me libertar, pois acabava que tinha me casado pela vida toda, as pessoas sempre diziam: ruim com ele, pior sem ele, e daí o tempo continuou passando, nessa caminhada de agressões estava eu tentando a cada momento salvar meu casamento, foi então que resolvi adotar o sobrinho do meu marido, ao qual sua mãe iria deixar ele na maternidade, daí então resolvi cuidar dessa criança pensando em ter uma vida feliz e agradável com meu marido, mais foi um esforço em vão. As agressões só aumentavam, daí então eu já tinha dois filhos, mas meu sonho era ter uma menina, e ela chegou em meio a tantas agressões, e eu suportando tudo por causa dos filhos, em seguida por um descuido engravidei novamente de outra menina, aí estou eu com quatro filhos e as agressões não paravam, eram cada vez mais frequentes. Ele saía para beber e do nada chegava agredindo a mim, e as crianças sem explicações, foi então que eu já estava desesperada, e encontrei o grupo de mulheres da

AMAP, onde me acolheram e fui aprendendo sobre meus direitos, deveres e sabendo definir os tipos de violência que nós mulheres sofremos no dia a dia. O meu sofrimento era tão grande que as pessoas do grupo queriam resolver a minha situação, mas diante dos fatos a única pessoa que poderia tomar uma atitude seria eu. Passaram-se dezessete anos, até que um dia ele me agrediu, me jogando contra parede, eu fiquei cheia de hematomas, fui na delegacia e fiz um BO contra o mesmo, ele foi enquadrado na Lei Maria da Penha, onde ele passou 08 meses encarcerado, onde pagou por todas as agressões que eu e meus filhos passamos. Não sei se teria conseguido sem a ajuda das companheiras do movimento de mulheres da região.”

A nossa luta continua porque...

Continuamos por acreditarmos que outra realidade para nós mulheres é possível, continuamos porque acreditamos que nosso trabalho enquanto AMAP continuará contribuindo para que as mulheres encontrem outras possibilidades, que sejam capazes de enxergar ou outras oportunidades de viver a vida, que sejam capazes de acreditar em si mesma e construam uma nova história de vida “livre” da violência, conquistando sua autonomia e independência nos diversos campos na sociedade compreendendo que “LUGAR DE MULHER É ONDE ELA QUI-SER”.

Educando para transformar

Alda Moura,
Janeceli Maria da Silva,
Marcela Cristiane Santos da Silva
e Tattyanne Elly



Estamos apresentando a experiência de como foi trabalhar com crianças e adolescentes no projeto. Nós, participávamos como ouvintes do projeto de estratégia de enfrentamento à violência contra mulheres do SOS Corpo Instituto Feminista Para Democracia realizado na Zona da Mata Sul e fazíamos parte do processo de formação do SOS corpo. Depois dessas formações voltávamos para nossa ONG e, em seguida, fazíamos mobilizações para fazer acontecer as rodas de diálogos nas comunidades de nossas cidades. Nas atividades do projeto Mulheres Tecendo Rede, ações voltadas para as crianças para que as mesmas comecem a perceber que a violência contra as mulheres é errada e também comecem a mudar de atitude. Nós tínhamos experiência de trabalhar com crianças e adolescentes em outras ações realizadas por nossas instituições, com os temas de racismo, violências, gênero, bullying entre outras.

Quando surgiu o convite de fazer essa formação com os filhos(as), sobrinhos(as), netos(as) das mulheres que participavam do projeto, ficamos muito felizes porque estávamos tendo nosso trabalho reconhecido e

iríamos ter oportunidade de fazer parte da formação da vida de várias crianças e ao mesmo tempo ficamos apreensivas com medo daquele trabalho não dar certo. Afinal foi depositada uma confiança em nós, educadoras, e tínhamos que honrar com nossos compromissos e não podíamos decepcionar quem nos confiou para fazer esse belíssimo trabalho.

Aceitamos o convite porque nós educadoras gostamos de desafios e, mesmo que existisse muita insegurança, não poderíamos nos recusar a fazer aquela formação, porque existia pessoas que acreditavam em nosso trabalho e é nosso dever educar as crianças de um modo que elas não se tornem machistas e racistas quando forem adultas.

Depois de termos aceitado o convite, veio a preparação para que pudéssemos executar os trabalhos de formações. Houve algumas oficinas com as educadoras SOS Corpo Instituto Feminista para democracia e nós, as educadoras, iríamos usar os materiais para passar informações as crianças. Ao mesmo tempo tínhamos que usar uma metodologia diferenciada, sempre usando o lúdico para que as informações passadas “entrassem nas



cabeças” das crianças. Tudo foi pensando de uma forma muito cuidadosa para se trabalhar com crianças de faixas etárias diferentes e de ambos os sexos.

Mesmo preparadas, enfrentamos alguns desafios, entre eles, trabalhar com faixa etária diversificada, de um a 14 anos, ou seja, crianças e adolescentes. Tivemos grandes dificuldades de trabalhar com as crianças de um e dois anos, porque essas idades não estavam previs-

ta nas oficinas e nosso objetivo não era fazer recreação e sim de abordar alguns temas. Para a nossa surpresa, existiam crianças que ainda usavam fraldas e tomavam mamadeiras e nós é que tínhamos que trocar as fraldas e preparar essas mamadeiras. Quando a demanda foi apresentada tivemos que mudar a metodologia pois não estávamos esperando essa diversidade. Para isto acontecer, nós dividimos os grupos por faixa etária – o primeiro, de um a sete anos, e o outro,



de oito a 14 anos –, onde foram trabalhados os mesmos temas, mas de forma diferenciada, tivemos que mudar a metodologia para que as crianças pudessem se adaptar aos temas trabalhados. E foi possível realizar um trabalho onde todas as crianças e adolescentes conseguiram entender da mesma maneira o que repassamos.

Ao trabalharmos a relações de gênero com meninos e meninas, percebemos que o machismo nos meninos era alarmante. Nossa percepção se deu através da metodologia usada que estimulava tanto meninos quanto meninas a escolherem brinquedos. Neste momento, vimos a forma agressiva de como os meninos tratavam as meninas e se recu-

savam a brincar com bonecas ou jogos que fossem juntos com as meninas.

Nós nos reuníamos e comentávamos o quanto era desafiador desconstruir a cultura machista naquelas crianças porque, na maioria das vezes, as escolas onde estudam reforçam essa cultura machista e racista. As crianças relatavam que seus pais falavam em casa frases do tipo isso “É coisa de homem”, se referindo como um homem deve, na maioria das vezes, proceder. Nas falas de algumas crianças, percebermos que os meninos e algumas meninas eram muito machistas. Na hora em que pedimos para escolherem alguns brinquedos, os meninos sempre optavam por bolas e carros e, quando perguntávamos o porquê das escolhas daqueles brinquedos, as crianças falavam que era porque aqueles brinquedos eram de menino. E não brincavam com bonecas pois achavam que era coisa de meninas. Diante desse fato que aconteceu ainda tinham outras questões, que era a dos meninos não ajudarem as mães em casa nas tarefas domésticas, porque sempre diziam que tarefas domésticas eram coisas de menina e que não podiam ajudar sua mãe, pois tinham que brincar.

Como nós, as educadoras, iríamos desconstruir isso da vida daquelas crianças onde os próprios pais não ajudavam, ao invés de refletirem e buscarem desconstruir atitudes machistas? Porque, quando chega a uma certa idade, fica mais difícil repreender os(as) filhos(as) pelos seus atos. Então, as crianças e adolescentes que participaram não tinham muito conhecimento e, ao mesmo tempo, faziam coisas que elas achavam que era certo, por falta de orientação em seu círculo familiar.

Outro desafio para nós, educadores, foi nos encontrarmos para preparar as atividades porque moramos em cidades diferentes.

Nossos maiores desafios

Eu me chamo Tattyanne Elly, participo do projeto como recreadora onde minha maior dificuldade e nós encontrarmos, pois não moramos na mesma cidade. E tenho uma filha pequena que depende do meu cuidado e tinha que deixar sempre com meus familiares. Mas, sabendo eu, que era para um boa causa, não tive dú-

vida em ajudar essas crianças e adolescentes que precisavam para uma oficina, para combate à violência que estava sendo criada por eles mesmos. E o encontro veio para esforço, para poder empoderar essa crianças e adolescentes dessa situação de violência e discriminação.

Eu, Marcela Cristina Santos da Silva, que atuo como uma das recreadoras e sou da cidade de Joaquim Nabuco tenho um pouco de dificuldade, pois tenho uma bebê que tenho que deixar para fazer as atividades. Mas já estou conseguindo administrar isto, podendo assim deixar minha filha com a avó, para me locomover para as atividades do movimento. Na questão de transporte, é bem tranquilo de conseguir para ir. A única coisa que pode tornar difícil é se não tiver recurso, mas, a não ser isso, é tranquila a minha locomoção.

Mas todos esses desafios foram pequenos, perto da nossa vontade de querer contribuir com formação a dessas crianças e adolescentes. Através do projeto, fomos mostrando para crianças e adolescentes as formas

diferenciadas de violências e discriminação por que elas próprias passam, no decorrer do seu dia a dia, e poder ajudar a superarem e enfrentarem, e ao mesmo tempo, empoderá-las frente àquela situação.

Buscamos mostrar às crianças, de uma forma lúdica, que a violência contra as mulheres está muito presente no nosso dia a dia, até mesmo em seu meio de convivência entre seus familiares e sociedade. Como já tínhamos falado anteriormente dos nossos desafios, agora vamos falar de como foi o processo metodológico para a realização das oficinas com as crianças.

Utilizamos livros infantis como A menina do laço de Fita, Cabelo de Lelé, O que tá quente pode ficar frio e outros, com o objetivo de levar as crianças à valorização do ser humano e de ajudar na reflexão das diferentes etnias e valorizar com respeito aos outros e a si. Buscamos sempre mostrar em diferentes linguagens para diferentes públicos, onde trabalhamos violências e racismos, de um forma lúdica e descontraída.

Tivemos momentos de cinema com pipocas,

que teve os filmes O Pequeno Príncipe e o vídeo Não bata nela, com o objetivo de descobrir a reação das crianças em relação à violência contra a mulher, entender como isso muda ao amadurecer. Trabalhamos também as músicas da campanha Quem ama cuida e Aquarela do Brasil/. Com esta música o objetivo foi desenvolver e ao mesmo tempo estimular a compreensão nas crianças sobre as diferenças, de uma forma significativa que elas pudessem compreender de um jeito mais lúdico. Além de contar com muitas brincadeiras e brinquedos para se trabalhar gênero, foi mais uma maneira de mostrar às crianças que não importa se os brinquedos são de meninos ou meninas, o que importa é a vontade de brincar e isso não vai fazer eles mudarem o jeito ser.

A partir desses debates, começaram as preparações para o ato que fizemos em praça pública, com a construção de cartazes e poema A Violência, onde eles fizeram apresentações para suas mães. Nesse momento, foi emocionante pois as mães e nós choramos bastante ao ver que o resultado daquele trabalho tinha rendido bons frutos. Algumas crianças, em seus depoimentos, falaram como foi para elas participar das oficinas.

Em seguida, as crianças e adolescentes saíram em caminhada, acompanhados por nós e suas mães, segurando os cartazes que foram construídos por eles. No fim da caminhada, eles fizeram apresentações cantando a música da campanha Quem ama abraça e recitando os poemas que escreveram. Foi uma forma de expressarem seus sentimentos sobre violências que aumenta de forma constante em nossos vínculos familiares e na sua sociedade.

Depoimentos das crianças

Me chamo Wayzzie Christiann. Participo do projeto como as crianças e adolescentes desse o primeiro encontro, eu mesmo adorei essa formação, pois sempre abrimos uma roda de conversa. Nessa roda, nós falamos sobre machismo, a violência e outras coisas, mas nessa roda de conversa nós aprendemos coisas novas.

Quando as professoras começaram a falar de machismo, os meninos acharam que eram pelo fato de que um menino tem que brincar de bola não de boneca

e justificavam que não eram uma menina; (...), mas ao decorrer da situação a professora explicou para todos que eles ou elas deveriam agir igualmente, mas a sociedade fica ditando as diferenças, o que um menino deve fazer e o como a menina deve agir. As professoras também explicaram que as mulheres também eram muito violentadas só pelo simples fato de vestir roupas curtas.

Para mim, foi muito bom essas experiências. Ao sair de lá, levei todos aprendizados para o resto de minha vida.

Wayzzie Christiann
Dornelas Silva, 15 anos

Quando comecei a participar dessas oficinas, fui percebendo o quanto sou machista e o quanto isso é errado, e hoje fico muito triste quando lembro que fiz algumas coisas machistas. Não quero mais ser assim, porque sei que nesse momento muitas pessoas estão sofrendo violências e elas precisam da minha ajuda.

Rafael, 9 anos

Depoimento da mãe de Wayzzie Christiann

Sou Rosie Christian, participo da formação do SOS Corpo, proporcionada em parceria com a Articulação de Mulheres da Mata Sul, que vem fazendo um belíssimo trabalho em nossa região. Como não bastasse, trabalharam com as mulheres para que também essas mulheres pudessem levar seus filhos, sobrinhos e outros parentes. As crianças e adolescentes que participaram dessa formação veem demonstrando algumas mudanças favoráveis nos seus comportamentos. E, como nossa região tem uma herança de alguns conceitos machistas e preconceituosos, as educadoras estão conseguindo mudar essa forma de algumas crianças que estão inseridas no projeto. Ainda como por exemplo grande parte dos meninos achavam que jogar bola, bola de gude, brincar de pega-pega e de carrinho eram brincadeiras exclusivas de meninos e meninas se vestiam de cor de rosa. Após algumas horas de oficina, várias crianças disseram sua experiência onde

as mães se emocionaram bastante junto como as educadoras por, em pouco tempo, conseguiram fazer um belíssimo trabalho como nossos filhos. As meninas estão de parabéns pois mudaram o jeito dos meus filhos de pensar e agir e respeitar as pessoas.

Depoimentos mãe de Anthony

Para mim, foi uma experiência desafiadora, pois me ajudou e muito, pois tenho um filho, Anthony Henrique da Silva, que era um pouco agressivo com alguns colegas, tanto na escola como em



casa. Através desse trabalho desenvolvido, consegui ver uma enorme mudança no comportamento dele, que foi para a melhor. E acho que não só o meu melhorou, mas de muitas mães também e que este trabalho não pare.

O resultado foi lindo, principalmente para mim, que presenciei a mudança de comportamento do meu filho, isso foi essencial. Minha expectativa é que este trabalho possa trazer uma paz interior a cada um deles e que, com isso, eles possam levar adiante. E podermos repassar que a violência é um sentimento desagradável que machuca o próximo e causa muita dor, ao mesmo tempo quero parabenizar as educadoras do projeto.

Jane Celi

Depoimentos das educadoras

Meu nome é Alda Maria Silva de Moura, mas todos me conhecem como Querida, tenho 34 anos, sou natural de Gameleira e moro no município de Água Preta.

Vou contar como foi minha experiência de trabalhar como educadora infantil, no projeto de enfrentamento a violência Tecendo redes. No início, comecei a participar do projeto como ouvinte e participava das formações feitas pelo SOS Corpo e depois nos reunimos nas comunidades, fazendo rodas de diálogo com as mulheres. Em julho de 2014, por motivo de saúde tive que me afastar do projeto por uns meses, e retornei no início de 2015. Foi quando recebi a proposta de fazer uma formação com os filhos, sobrinhos e netos das mulheres que participaram do projeto.

Me senti muito feliz em contribuir com esse processo de formação das crianças e adolescentes, mas também fiquei muito insegura porque eu sabia que era um trabalho de grande responsabilidade. Eu já tinha experiência de trabalhar com crianças, não em grande quantidade e com faixa etária de idade diversificada (entre 4 e 14 anos). Mas não pensei duas vezes e aceitei o convite porque sempre achei que todas as crian-

ças tinham o direito de participar dessas formações, porque, através delas, teriam a oportunidade de desconstruir pensamentos machistas e racistas que eles vivenciavam em meio à sociedade. Depois de aceitar o convite, veio a preparação para desenvolver o trabalho.

No primeiro dia de capacitação, senti um frio na barriga, uma vontade de desistir, mais depois relaxei porque as oficinas de capacitação me ajudaram bastante. Tive oportunidade de conhecer melhor minhas companheiras de trabalho que moravam em outra cidade, e com quem eu tinha tido pouco contato. Como morávamos em cidades diferentes, começamos a nos comunicar através de redes sociais e ficávamos planejando os mínimos detalhes como as músicas, brincadeiras, jogos e etc. Até que aconteceram as oficinas e, depois de muita dedicação, conseguimos realizar as oficinas de formação de uma maneira lúdica e com a certeza de que conseguimos de alguma forma contribuir para a formação cultural daquelas crianças.

Tenho certeza que fizemos um belo trabalho e que conseguimos atingir nosso objetivo, de desconstruir uma cultura machista e patriarcal. Até hoje, quando encontramos as crianças nas ruas, elas correm para nós abraçar e perguntam quando iremos fazer outras oficinas. Então, o reconhecimento dessas crianças é sem dúvida minha maior recompensa.

Depoimento de Marcela

Foi uma experiência indescritível poder participar desse projeto como educadora e poder ver a realização de várias dúvidas e pensamentos malformados em crianças e poder ter uma transformação e amadurecimento por diversos assuntos que, por muitas vezes, são tão difíceis de ser discutido na própria família, entre eles: violência infantil, racismo, preconceito e violência de uma forma geral.

Trabalhar com crianças que sofrem esse tipo de violência é ótimo e ao mesmo tempo é desafiador, pois sabemos como é difícil para elas confiar! Mas poder participar da desconstrução dessa cultura machista e racista

que foi implantada pela sociedade na vida dessas crianças é um sentimento indescritível. Surgiu dentro de nós uma esperança de um mundo melhor, porque se todas as

crianças tivessem oportunidade de passar por esse processo de formação elas teriam a chance de ver um mundo sem violência e discriminação.

A Violência

Criança não se bate,
Não se explora pra aprender,
Porque na escola que se ganha o saber.

Ninguém foi feito para sofrer,
Adolescência é uma virtude e um motivo para crescer,
Vamos tratar as crianças com carinho e mais amor.
Se não vivêssemos num país machista
Não precisaríamos de leis contra abuso e mal trato.
O que precisamos é ser respeitado.

Sem machismo!
Sem esse ar de superioridade!
Sejamos mais conscientes!
Que devemos aceitar as pessoas como elas,
Chega de tanta violência, nós queremos paz
Que viva o humanismo, e mora o machismo!

Lutando pelo fim da violência

Graça Queiroz e
Welima Gonçalves



Para iniciar a nossa conversa vamos começar contando quem somos nós. Somos um grupo de mulheres que residem na área urbana e rural na cidade de Catende, na Zona da Mata Sul. Catende é uma cidade que apresenta várias dificuldades, tais, como: falta de emprego, extinção da monocultura da cana de açúcar, vindo a desfavorecer, principalmente a vida daqueles e daquelas que residem na área rural. Há um índice alto de homicídios da juventude, em especial de mulheres jovens usuária de drogas, exploração de menores e violência contra a mulher.

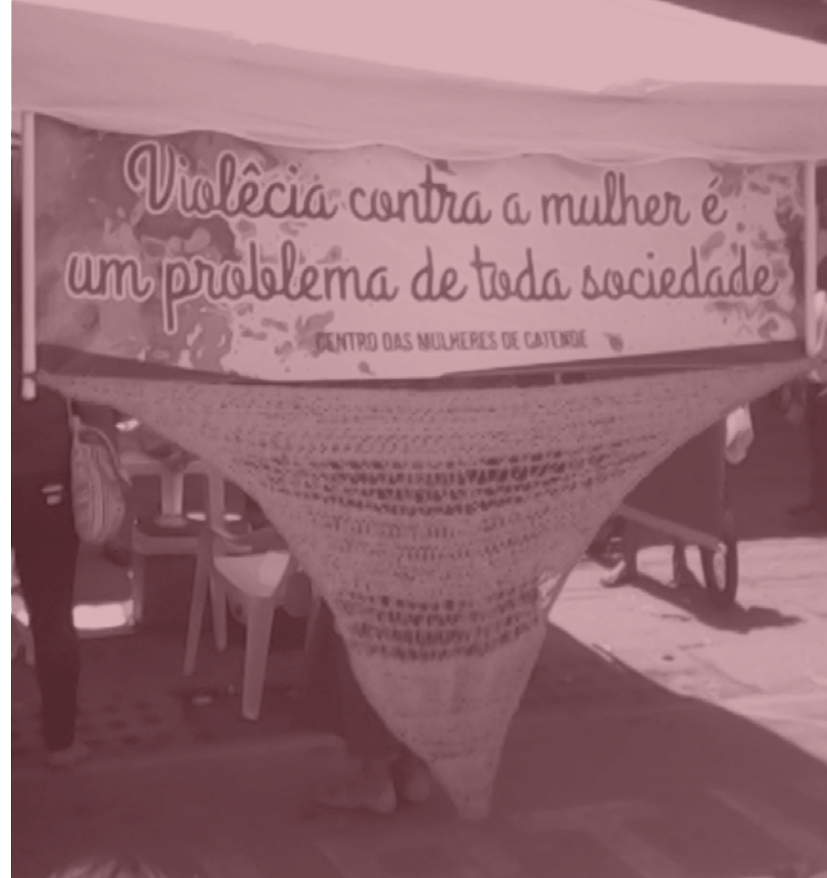
É neste contexto que a Associação de Mulheres de Catende resolve fazer algo em prol da sociedade das mulheres catendenses. No começo o foco foi o de fortalecer a autoestima feminina, iniciando por nós mesmas. Tendo em vista que nas primeiras reuniões nos deparávamos com os nossos próprios problemas, em que a violência contra as mulheres era comum em nossas vidas. Diante dessa constatação, resolvemos cuidar umas das outras apoiando com palavras para fortalecer e encorajar para que fôssemos denunciar a violência que sofríamos, procu-

rando nossos direitos e buscando a justiça. É importante dizer que algumas de nós já tínhamos uma militância vinda da atuação no Centro das Mulheres do Catende, essa atuação nos deu base para seguir nos fortalecendo e fortalecer outras mulheres. Salientamos que o Centro de Mulheres de Catende tinha uma atuação voltada para saúde da mulher, no que diz respeito a prevenção do câncer do colo do útero, essa ação também envolvia acolhimento às mulheres com palestra e depois o exame de citologia e colposcopia, por duas enfermeiras que integravam a equipe da organização.

Essa ação passou a ser realizada porque as mulheres não se sentiam seguras para fazer nos postos de saúde porque as profissionais não as recebiam bem, também havia quebra de ética sobre o próprio exame e também do resultado do mesmo. Essa situação levou a dificuldade de muitas mulheres realizarem o exame nas unidades de saúde do município. A metodologia utilizada continha acolhimento, diálogo com as mulheres na sala que antecedia ao exame, onde era realizada palestras educativas que apresentava os instrumentos de coleta de exame, informava

o objetivo do mesmo, tirava dúvidas sobre procedimento do exame, além de mostrar a importância de realizar a prevenção do câncer do colo uterino. Durante as palestras que antecediaam aos exames, algumas mulheres se mostravam nervosas, choravam e, por algumas vezes, nos chamavam para conversar particularmente e nos contavam e nos diziam que sofriam violência, muitas delas estupradas por seus maridos, muitas nem sabiam que sofriam violência sexual, algumas não tinham nem a percepção achavam que era normal estarem “disponíveis” para seus maridos, compreendiam como uma obrigação ter que fazer sexos quando e da forma que seus cônjuges quisessem.

Também ficávamos sabendo que muitas delas eram proibidas por seus maridos de fazer o exame preventivo porque os mesmos tinham o receio de que elas contassem para nós a situação de violência vivida. Houveram momentos em que algumas de nós fomos ameaçadas pelos maridos dessas mulheres, outros em que os eles ficavam do lado de fora ameaçando as mulheres. Contudo tínhamos estratégias de sempre manter o diálogo, mas quando a situação ficava em



risco, ligávamos para polícia. Anos depois algumas integrantes do Centro das Mulheres de Catende saíram da organização, pois resolveram atuar com o foco mais voltado para o enfrentamento a violência contra as mulheres no município, buscando então formar grupo de mulheres para atuar no enfrentamento a violência contra mulheres, surgindo a Articulação de Mulheres de Catende. No contexto em que vivíamos(e ainda vive-

mos) mostrava muita violência contra mulheres vivenciadas inclusive muitas de nós.

Antes das ações externas do grupo, chegamos à conclusão que precisávamos encarar nossas próprias dores. Iniciamos com reuniões em que conversávamos sobre nossas vidas, desabafávamos e chorávamos a cada experiência compartilhada, as mesmas apontavam para possibilidade de saídas de outras, tudo o que era conversado ficava no espaço entre nós. Resolvemos dar apoios mais concretos, apesar de termos tido muitos receios quanto a nossa segurança, mesmo assim fomos juntas servir de testemunha nos processos de algumas companheiras que resolveram acionar a justiça. O sentimento que tínhamos ao fazer essa ação era que este era o caminho certo a seguir, inclusive com outras que não eram do grupo, por acreditarmos que ninguém faz nada sozinha.

A partir do momento que nos fortalecemos internamente, conversávamos sobre as nossas experiências já nos sentindo como Associação de Mulheres de Catende, fomos conversar com parentes, vizinhas e amigas. Isso trouxe muito “frio na barriga” de cada

uma nós porque tínhamos que pensar local para reunir porque não tínhamos sede (e até o momento 2016, não temos), não tínhamos recursos para infraestrutura, mas também “administrar” as reclamações dos companheiros que se incomodavam bastante (e ainda se incomodam) com a participação das mulheres nas ações da instituição. Para eles as mulheres organizadas passavam a ser libertas demais, falavam mal dos homens e incentivavam umas às outras a deixarem seus namorados ou maridos. Inclusive, até hoje nos deparamos com esses tipos de comentários quando estamos atuando. Esse tipo de afirmação revela que isso é um machismo fortíssimo e temos que trabalhar muito para acabar com essa situação que já é muito conhecida por nós, pois algumas de nós já enfrentávamos (e ainda enfrentamos) essa situação. Também é importante dizer na composição da Associação de Mulheres de Catende companheiras advindas de movimentos de religiosos e sindical que também sofreram as concepções machistas.

O enfrentamento a violência contra as mulheres seguiu em nossas vidas, quando passamos juntas com outras companheiras

da Articulação de Mulheres da Mata Sul e com o SOS Corpo a realizar ações do Projeto Mulheres Tecendo Rede Contra a Violência, avaliamos que as ações viriam a contribuir muito em nossa associação pois despertou em nós a vontade de participarmos ativamente e de seguir com o nosso objetivo de fortalecer as mulheres da cidade e a nós mesmas. Para isso realizamos vários encontros de formação sobre violência contra as mulheres, onde conversávamos também sobre nossas experiências e essas experiências ajudavam outras mulheres, transformando as dores em luta, conseqüentemente conseguimos atuar em várias comunidades rurais. Com essas ações percebemos que tínhamos ainda um quadro agravante de mulheres vitimadas pela violência.

As atividades também contribuíram para estabelecer entre nós e as mulheres com que trabalhávamos um espaço de confiança, a ponto de elas partilharem conosco suas vidas, como socializaremos a seguir porque os desabafos para nós também aponta a realidade em que atuamos. Salientamos que os debates a seguir foram autorizados pelas mulheres para aqui fossem socializados, des-

de que não colocássemos os nomes delas. As ações ainda despertou-nos para continuar atuando na luta pelo fim da violência contra as mulheres, visto que temos um quadro agravante de mulheres vitimadas de todo tipo de violência. Socializamos alguns destes depoimentos nas oficinas:

Como mãe, já não suporto essa situação. Há momentos que eu mesma a denunciei e ele foi preso, porque agredia verbalmente o pai, a mim, sua esposa e filho. O pior era vender os objetos de dentro de casa para comprar crack, alimentando cada vez mais seu vício. No dia de seu assassinato senti em meu coração uma espada de dores transpassando-me, com o passar do tempo com o apoio da associação de mulheres de Catende, em suas visitas a minha casa e podendo partilhar, descobrir que a dor compartilhada, deixava-me mais aliviada.”Buscamos ser no mundo essa presença de apoio, acompanhamento e acolhimento, compartilhar a dor e lutar com o outra na esperança de dias melhores.

Nunca tinha revelado a ninguém que sentia atração sexual por pessoas do mesmo sexo. Isso, de maneira particular, veio aflorar na

minha adolescência, exatamente por volta dos meus quatorze anos. Minha mãe descobriu que eu mantinha um suposto namoro com uma mulher mais velha do que eu. Isso veio abalar emocionalmente toda minha família. Chegando até ser expulsa de casa. No início sofri pra caramba. Logo ao ser expulso em público meu relacionamento com outra mulher, ouvia piadinhas, inclusive das pessoas que me viram crescer, e isso me levou há um estado inicial de depressão. Foi aí que certo dia conversando com uma das mulheres que compõem a Associação de Mulheres de Catende, fui convidada por uma vizinha para uma reunião informal. Desde esse dia que minha vida mudou, ainda estou tomando remédios, mas estou conseguindo superar. Hoje já tenho o apoio de minha mãe.

Quero ser chamada de Vitória porque me considero uma vitoriosa na vida. Quando tinha treze anos de idade me apaixonei por um rapaz de trinta anos, foi tudo muito bom, muito lindo, porém minha mãe não aceitava a idéia que eu fosse morar com ele, daí resolvi fugir de casa. Foi aí que começou meu sofrimen-

to. Ele não queria que vestisse calça, bermuda, roupa curta, não me deixava cortar os cabelos. Eu vivia trancada dentro de casa, e ele todas as noites saía para beber. Chegava em casa embriagado, sempre repetia: ‘você anda me traindo, sua vadia’, também me batia. Mesmo com esse sofrimento tive sete filhos com ele. Depois de vinte e sete anos de convivência, acabei descobrindo que o mesmo tinha outra família, me traía. Certo dia soube que estava com amante em determinado local e fui ao encontro dos dois, me deparei com uma cena difícil e falei que não queria mais morar com ele. Ele começou a me ameaçar de morte, mesmo assim não tive medo e me separei. Até hoje vivo melhor com ajuda das minhas companheiras.

Nossa luta é diária e constante no enfrentamento a violência contra as mulheres, mesmo sendo um trabalho de formiguinha porque é construído a cada momento e, por vezes é muito lento. A violência contra as mulheres é constante e complexa porque está presente em cada casa e nas ruas e as mulheres sofrem todo o tipo de situação de

violência: são filhos drogados que batem nas mães, nas irmãs; são os estupros sofridos por homens conhecidos e desconhecidos; relações afetivas em que namorados/maridos estupram, batem e xingam as mulheres sem ter motivação alguma, basta “pensarem” que pode haver uma possibilidade de traição e ou não fizeram o que eles determinaram; Sem falar que muitos homens não aceitam que as mulheres não tenham desejo afetivo-sexual por outra mulher, pois de imediato as violentam, principalmente

sexualmente porque para estes homens elas são lésbicas porque não encontraram o homem certo.

Apesar de toda essa situação seguiremos na luta, queremos ser essa presença acolhedora em nossa Catende e no mundo. E sonhamos com um mundo sem utopia, mas como dizia o saudoso Dom Hélder câmara: “Quando sonhamos sozinhos, é apenas um sonho. Quando sonhamos juntos, torna-se o início de uma nova realidade.”.





Pela direitos das mulheres no campo e na cidade

Solange do Rego
Cristiane Maciel
Benedita Ferreira
Edilene Maria (Rosa)

O Centro de Estudos e Ação Social Rural/ CEAS teve o início de suas atividades no final dos anos 70 a partir da atuação de uma equipe de técnicos do *CEAS de Salvador, Bahia, vindo a tornar-se entidade autônoma em abril 1990. O CEAS Rural ao longo de sua trajetória vem realizando atividades voltadas para o fortalecimento, articulação, acompanhamento e recentemente estímulos à geração e autonomia financeira, com cursos profissionalizantes, desenvolvidos através de parcerias com entidades públicas e privadas com foco nas áreas de juventude, associações e de MULHERES, do campo e da cidade. Sua missão é a de desempenhar ações de formação sociopolítica, assessoria técnica para jovens, mulheres e associações rurais e urbanas, para que possam ser lideranças capazes de garantir os direitos humanos, sociais, econômicos, políticos e culturais.

Mesmo sendo uma organização com o trabalho voltado para população mista, ou seja homens e mulheres, destacamos que em 1986, começou através da participação das mulheres trabalhadoras rurais na luta dos canavieiros, fazendo greve para reivindicar

melhores salários e melhores condições de vida. Neste período o CEAS já trabalhava a formação política e trabalhista dos (as) trabalhadores (as) da cana, e apoiava o movimento de greve e mudanças de diretorias sindicais da região, dos municípios de Palmares, Joaquim Nabuco, Catende, Agua Preta, Maraial, Rio Formoso, em parceria com a FETAPE, as mulheres também começaram a participar desses movimentos, a partir daí veio a necessidade de trabalhar e capacitar essas mulheres sobre seus direitos, tais como: saúde, educação, melhores salários e violência doméstica.

Em meados de 1990, com a vinda do CEAS Rural para Palmares, começamos a articular as bases com objetivo de formar grupo de mulheres. Essas articulações se deram em algumas comunidades Rurais dos municípios da Região da *Mata Sul de Pernambuco. Houve várias oficinas com essas mulheres sobre: gênero, saúde, educação, saúde da mulher e violência contra a mulher. Com o passar dos anos, as mulheres começaram a se organizar nos seus locais e formaram seus próprios grupos, para lutar por melhorias em suas comunidades, como: moradia, água

potável, terra para plantar, saúde, educação e discutir a violência doméstica nas comunidades. O CEAS Rural continuou apoiando estes grupos contribuindo com assessorias e apoiando suas lutas sociais locais.

O CEAS foi umas das organizações que contribuiu para e na mobilização da formação das *Organizações Não Governamentais – ONGs da Região nos municípios de: Joaquim Nabuco, Palmares, Água Preta e Catende. As formações dessas ONGs surgiram através da necessidade das mulheres se organizarem e lutar juntas pelos direitos específicos e participarem das discursões de políticas públicas e poder ter representações nos conselhos municipais. Nesse período tivemos o apoio muito importante do Centro das Mulheres do Cabo, através do projeto: Menina Mulher e Cidadania. Desenvolveu um trabalho de geração de renda com o grupo de mulheres de Serro Azul, Zona Rural de Palmares, onde foram realizadas várias atividades, principalmente um Curso de Doces e Salgados, Nesse período as mulheres já estavam organizadas e preparadas para seguir em frente, daí oficializaram seu grupo de: Grupo Vitória de Serro Azul. Por conta

das dificuldades que enfrentaram e alcançaram a vitória, decidiram colocar o nome do grupo acima citado, umas das mulheres em suas emoções ficou grávida vindo a colocar também nome de sua filha de Vitoria. Assim também contribuimos para construção da casa de farinha na associação de moradores de são João da prata, horta comunitária no engenho belamente e são João da prata, formação do grupo de mulheres de estrela do norte, formação do grupo de mulheres artesãs de são benedito do sul, reconhecemos que não foi tão simples e fácil, tivemos e enfrentamos algumas dificuldades: como machismo muito forte por parte de seus companheiros em deixar as mesmas participarem, difícil acesso para chegar a comunidade, estradas difíceis, aceitação das mulheres em dialogar sobre suas vidas, dificuldade em participação por ser dupla jornada de trabalho, falta de recurso da instituição para dar andamento as ações, dificuldade em participar de atividades externa, fora de casa por tratar em deixar as crianças em casa, essa situação teve avanço porque muitas começaram a rever e se dedicar a sua vida, refletindo sobre essa saída que por muitas se tornava um lazer. Mais ao longo dos dias

tivemos mudanças onde muitas mulheres começaram a participar integralmente das ações, por perceber as mudanças dentro de suas casas, muitas saindo do ciclo de violências, como ajudaram para que outras saíssem dessa situação, infelizmente deixando suas comunidades e filhos. Mais buscado novas oportunidades para que um dia possa rever e ter seus filhos próximos.

Grupo de Mulher - GT Mulher do CEAS Rural

Surgiu em 2014 através da necessidade de discutir as questões específicas e fortalecer os grupos de mulheres que o CEAS acompanha, dando prioridade de discutir os problemas que mais afeta a vida das mulheres como: saúde da mulher, violência contra mulher, situação econômica familiar; sendo acompanhadas com prioridade as comunidades do município de Palmares: Engenho São João da Prata, Grupo de Mulheres de Nilton Carneiro. Grupo de Mulheres da Nova Palmares. No município de Joaquim Nabuco: Grupo de Mulheres de Estrela do Norte. No município de São Benedito: Grupo Geração de Renda Casa do Artesanato.

Ações do GT mulher: Visitas, formações, palestras e oficinas sobre os diversos tipos de violência contra a mulher principalmente a violência doméstica que é gritante na região, saúde da mulher, gênero e cidadania e orientação da importância de denunciar qualquer tipo de violência sempre discutindo as dificuldades que existe nas políticas públicas, articulação e participação de outras atividades locais e regionais: Seminários, audiência pública, vigília, oficinas e cursos.

Esse GT se reúne uma vez por mês para avaliação e planejamento das ações a serem desenvolvidas, frente a isso decidiram multiplicar seus conhecimentos realizando trocas de experiências entre as componentes como cursos profissionalizantes e rodas de debate. Para garantir a participação das mulheres vimos a importância de colocar uma re-criadora para cuidar de suas crianças para facilitar sua participação realizando assim atividades lúdicas.

Para nós que diretamente estamos desenvolvendo ações com as mulheres rurais e urbano, esta sendo um desafio muito grande, nas rodas de conversas percebemos a falta

de motivação das mulheres , elas diziam que estavam ficando cansadas de conversas e que gostariam de algo concreto, que tirasse as mesmas da dependência dos seus companheiros e que pudesse garantir sua autonomia financeira ,no momento iniciamos uma discussão sobre as propostas de incentivo e mudança para essas mulheres .

Da parte das mulheres a sugestão era de implantação de casa de farinha, galinheiro e horta comunitária que desse autonomia para elas desenvolverem o trabalho.

Pra nós naquele momento foi juntar um sonho coletivo e se colocar no lugar de cada uma, não prometemos fazer, porém de conversar com a equipe da Ceas para direcionar de que forma poderíamos ajudar aquelas mulheres sonhadoras e com uma visão de futuro.

Voltamos e dialogamos com o grupo e percebemos que todas as propostas estavam longe de nossas possibilidades, porque visualizamos que a conjuntura atual econômica financeira não contribui para um projeto de vida grandioso como esse , mais que poderíamos realizar cursos de geração de renda de acordo com nossa realidade.

A região da Mata sul não existe um projeto político permanente de geração de renda para as mulheres daí, levamos nossa proposta de realizar os cursos de artesanato, beneficiamento de alimentos, reciclagens além de outros , de imediato foram acatados pelas mulheres .

Vale salientar que a equipe do GP mulheres além de realizar os cursos profissionalizantes também faz as palestras educativas e rodas de conversas com temas solicitados pelas mulheres .

Nas rodas de conversas percebemos a timidez das mulheres de expor a sua vida e geralmente conta historias que não são delas e sim de outras mulheres ,principalmente quando o assunto é violência contra a mulher, com o passar dos dias percebemos que há uma confiança por parte das mulheres conosco e acabam contando a realidade vivenciada , o contato com as mulheres é importante para cada uma de nós, muitas vezes nos colocamos no lugar das mesmas , são casos que nos remete a refletir e dar continuidade a um trabalho coletivo e que traz resultados positivos como casos citados nas palestras de encorajamento de mulheres

que fizeram denuncia dos parceiros e que a partir deste trabalho as mulheres começaram a ser solidarias com as outras.

No campo da discussão da saúde é pertinente falar das angustias das mulheres no sentido do mal atendimento dos profissionais , identificamos casos de mulheres que nunca fizeram os exames preventivos, algumas por medo , outras por causa do machismo de seus companheiros não deixam elas se mostrar pra outros | as são assim as falas deles, alem de outras que perdem a confiança de fazer o exame por parte dos profissionais que não são sigilosos e pelas demora da entrega dos resultados dos exames ,isso faz com que muitas mulheres também se opo- nha de realizá-lo por isso acontece de mu- lheres adquirir câncer de colo do útero, são detalhes importantes trazidos pelas parti- cipantes que nos instiga a lutar fortemente por uma assistência mais humanizada.

É notório dizer que a questão do machismo e do patriarcado é uma cultura ainda é muito forte e essa cultura remete pra vida de muitas mulheres ,principalmente nos papeis , o menino sai pra jogar bola com os amigos

e as meninas ficam em casa pra ajudar nos serviços domésticos , são praticas que esta- mos aos poucos desconstruindo .

Em 2014 como já tínhamos trabalhos pelo fim da violência contra as mulheres , fomos convidadas AMMS para participar da estra- tégias mulheres Tecendo Rede pelo fim da Violência contra a mulher, as estratégia e as participações que tivemos nas ações, fortale- ceu o grupo do GT, dando mais visibilidade e oportunidade a termos contato com outras mulheres da Região , com participação de mais mulheres para o GT e ainda instigou ao grupo a desenvolver outras ações coleti- vas através das campanhas de enfrentamen- to a violência contra a mulher com outros grupos da Região. Ações como: intercambio , ato publico , audiência publica , fórum de debate interprofissionais e seminários . Na cidade de Ribeirão que fica localizada na região da mata sul próximo a Palmares ouve uma audiência publica por conta de ser uma cidade com alto índice de violência contra as mulheres ‘ CASOS ABSURDOS COMO DECPTAÇÃO DE MULHERES’, fomos as ruas pedindo o fim da violência com api- tos, faixas, cartazes, onde nos clamávamos

socorro as autoridades competentes daquele município.

Mais uma ação dessa estratégia foi o fórum de debate interprofissionais trouxe para nos conhecimento de todos os profissionais que atuam em nossa cidade e região . Em Palmares foi criada a rede de profissionais do município onde se reúnem uma vez no mês, levando as nossas demandas para lá onde se discute junto com o profissional responsável pela aquela situação e tentam resolver o problema da melhor maneira possível.

Esse foi um dos pontos positivos dessa estratégia que participamos criar coisas novas como buscar parcerias, se incluir em atividades externas com a rede para discutir a situação das mulheres.

A estratégia só veio para inovar, articular e dar mais vida ao grupo de mulheres do Ceas rural que hoje toma iniciativas para formar outras mulheres para busca de direitos e melhoria na qualidade de vida..

Pra nós foi algo novo e diferente, mais algo que transformou a vida de cada uma de nós e que através da nossa vivência dentro desta nova estratégias damos vida a outras companheiras , as do nosso convívio e a de outros lugares distante do nosso convívio como das áreas rurais que acabam se transformando através do nosso saber.

**Porque a luta começa “Por mim,
por nós e pelas outras”**

Zona da Mata Sul de Pernambuco:

A Zona da Mata Sul é composta por 23 municípios e uma população de 1.318.264 habitantes, de acordo com os dados do IBGE/2013. A Mata Sul Pernambucana é um território/região, que tem em sua história uma economia com raízes culturais ligadas à indústria canavieira. Em síntese, a Zona da Mata de Pernambuco herda do seu passado um elenco de problemas estruturais nas dimensões econômica, social, ambiental, política e cultural,

CESE Salvador/Bahia:

A CESE – Coordenadoria Ecumênica de Serviço é uma organização de Salvador (BA), de abrangência nacional, que atua na promoção, defesa e garantia de direitos no Brasil.

Organizações Não Governamentais – ONGs

São grupos sociais organizados, sem fins lucrativos, constituídos formal e autonomamente, caracterizados por ações de solidariedade no campo das políticas públicas e pelo legítimo exercício de pressões políticas em proveito de populações excluídas das condições da cidadania.

Fontes:

Histórico CEAS Rural, janeiro, 2016

http://ceas.com.br/?page_id=7

https://pt.wikipedia.org/wiki/Organiza%C3%A7%C3%A3o_n%C3%A3o_governamental



Loucurras contra a violência na Mata Sul

Janikelle Maria da Silva
Theófila Lucena

Loucas da Mata Sul – O início

A nossa experiência como um grupo de teatro se iniciou durante as ações de enfrentamento à violência contra as mulheres, na Zona da Mata Sul. Foi no encontro inter-regional da zona da mata, que os grupos de mulheres decidiram que as ações na praça deveriam ser acontecer de forma lúdica, com outras linguagens. Para este momento tivemos a contribuição de duas integrantes do grupo Loucas de Pedra Lilás que intervieram na preparação das mulheres dos grupos para, num primeiro momento, preparar as ações contra-culturais sobre enfrentamento à violência contra mulheres na região. Este encontro aconteceu em Palmares.

Desse encontro ficou decidido que as Loucas de Pedra Lilás¹ como convidadas, realizariam uma oficina para preparar algumas mulheres que iriam em suas localidades, preparar outras companheiras dos grupos locais para realizar as intervenções contra-culturais, reproduzindo o que fosse transmitido durante uma intervenção nas praças. As Loucas vieram à convite do SOS Corpo e com muita boa vontade, disposição e profissionalismo realizaram um trabalho

impressionante em apenas duas oficinas.

Durante as oficinas decidimos que o grupo que estava sendo preparado é que iria às cidades para representar os grupos envolvidos na intervenção na praça. A partir dessa decisão precisávamos discutir sobre nossos compromissos fora do projeto, sobre a nossa insegurança com relação a estar atuando em praça pública, e chegamos a um consenso: aceitávamos esse desafio, que era especial se comparado aos desafios aos quais enfrentamos no dia-a-dia, nas nossas organizações, com as ações a que estávamos acostumadas, afinal, passar essa mensagem através do teatro para o público que por diversas vezes sofreu algum tipo de violência e racismo, nos deixava ansiosas e até, meio assustadas. Me sentia outra vez disposta a me mover numa direção. Precisei adaptar alguns horários porque eu cuidava do meu pai, acamado, totalmente dependente de mim, cuidava da minha filha também. Mas meu coração não cabia em mim de ansiedade e animação!

Cada ensaio, cada viagem, era uma correria pra mim, e mais um dia de sensação de

dever cumprido. Quando chegava o fim do dia, eu me sentia realizada enquanto feminista, mulher de movimento, mulher que faz a diferença.

Theófila Lucena

Como nosso trabalho era apenas dentro das bases, não conseguíamos atingir um público tão diverso. O trabalho era revezado entre atividades dentro das organizações com as sócias, participantes e convidadas, palestras em escolas para jovens e adolescentes de ambos os sexos, panfletagem, capacitações sociopolíticas, vigílias, mas nada que interagisse com as emoções e sentimentos do público tão diretamente como seria esse momento. E era exatamente esse público variado, misto, que queríamos alcançar, eram essas pessoas que não estão nas organizações e escolas, que muitas vezes se recusam a participar das ações promovidas pelas organizações que queríamos tocar. E esse desejo também foi mola propulsora que nos fez aceitar o convite.

E aí a loucura começou! Encaramos o desafio de peito aberto e cara pintada junto com as Loucas de Pedra Lilás. Resolvemos ser as

Loucas da Mata Sul. Dez mulheres, sobre as quais falaremos mais tarde, deram vida aos personagens de suas próprias histórias ou de histórias vividas por familiares e amigas, porque foi assim que a peça foi criada, encenamos nossas próprias experiências.

Uma cena onde mostrávamos o assédio que as meninas sofrem nas escolas e bailes da vida, outra cena em que a violência familiar e doméstica estava explícita em gritos e gestos; em outra cena, a mulher vítima de violência é vista como aquela que gosta de apanhar, que já está acostumada e ainda, uma cena que descrevia fielmente a rotina dos hospitais e postos de saúde do país, onde mulheres pobres, negras, jovens ou lésbicas, são julgadas e mal atendidas por serem quem são.

E a cada apresentação conseguimos atingir homens, mulheres e crianças cujas reações nos fortalecia e nos ajudava a superar as dificuldades. Ouvíamos mulheres comentando sobre cenas que já haviam vivido, olhares que reprovavam os gestos violentos encenados, críticas aos profissionais de saúde que representávamos nas cenas tratando mal as mulheres... Homens que se man-

ifestavam contra a maneira violenta que homem representado em cena tratava a esposa e filha, e outros homens que enalteciam aquele comportamento. Vimos jovens de ambos os sexos empolgados, repetindo as palavras de “desordem” que gritávamos durante o toré a cada final das apresentações. Reações que nos apontaram caminhos para continuar, para insistir na luta levando a mensagem que nos move e inquieta até agora, a luta contínua e incessante pelo fim da violência contra a mulher nas suas diversas formas e pelo fim do racismo.

Quem éramos e quem somos

Éramos um grupo de 10 mulheres de cidades diferentes: Jane Kelle, Érica, Ítala e Anarcélia, de Joaquim Nabuco; De Palmares: Mauricéia e Cilene; e Nayara, Nikka, Vanessa e Theófila, de Água Preta. Mulheres diversas, com realidades, personalidades, limitações e desafios pessoais diversos como a timidez, os medos, a jornada diária de afazeres individual, empenhadas num único objetivo: o de transpor as barreiras do que nos era comum e costumeiro para repassar as mensagens de igualdade e fim da violência.

Durante os ensaios sem as Loucas de Pedra Lilás, surgiram mais empecilhos que precisaram ser contornados. Antes que iniciássemos a turnê, duas componentes desistiram do grupo por motivos pessoais. Encontramos logo uma mulher para substituir uma delas: Alda, que também era de Água Preta.

Quando aconteceu a primeira oficina eu não participei, mais sentia uma vontade enorme de colaborar com minhas companheiras, aí depois uma das loucas da mata sul (Theófila) me convidou novamente, porque uma das meninas que ia participar das apresentações do grupo desistiu, e dessa vez eu não recusei o convite, fui uma loiya mesmo porque já tinha um compromisso de ser educadora infantil e aceitei mais um desafio.

Alda Moura (Querida)

Uma questão que precisou ser tratada com delicadeza foi o fato de duas loucas serem evangélicas protestantes e, num determinado momento, as limitações que a religião delas impõem tornou-se um problema, visto que uma delas se recusou usar batom porque sua religião não permitia. Se discutir religião é complicado, entre mulheres do movimento foi menos difícil. De início houve

um pequeno mal estar devido à surpresa que foi saber que a companheira não poderia participar, mas, conversamos, dialogamos, e acabamos por encontrar uma solução. A companheira usou a caracterização sem batom, o que não interferiu nas apresentações, mas resultou em um afastamento posterior por parte da companheira que preferiu respeitar a doutrina da sua religião, assim como a outra que pretendia “ser batizada” e resolveu também se afastar do grupo, disponibilizando-se a participar apenas nos bastidores.

As apresentações

Ter a rua como palco e chegar nas cidades com temas tão fortes, causou impacto no público que respondia instantaneamente conforme o desenrolar das apresentações. O tempo todo ouvíamos do público que a culpa era da mulher mesmo, ou que era daquela forma mesmo que o médico de tal posto tratava os pacientes, que Dr. Fulana chegavam mesmo atrasada e toda “posuda”. Escutamos xingamentos também. Escutamos também frases machistas e homofóbicas, racistas e preconceituosas, o que não nos desmotivou,

ao contrário, nos deu mais motivos pra continuar lutando contra essa postura da sociedade, tão enraizada, patriarcal e machista.

Toda a movimentação do público gerava em nós mais um estímulo, nos empurrava para adiante. As pessoas falavam que tinham vivido aquelas situações, o que nos fez perceber que estávamos chegando onde queríamos e tocando na ferida como intencionávamos. Uma das cidades onde mais sentimos a reação do público bastante forte, foi Água Preta. A apresentação foi na feira livre da cidade e nós sentimos a reação do povo tão intensa que nos comovemos. Talvez por algumas componentes serem moradoras daquela cidade, ou por ter sido a feira livre o nosso palco e estarmos tão próximas das pessoas, e ouvirmos tão próximos a nós os comentários, foi diferente ali. Alguns comentários machistas do público causavam incômodo e certa irritação por percebermos que a sociedade não se constrange em demonstrar seu preconceito e machismo. Escutamos cantadas e ofensas, uma de nós ouviu um homem falar que mulher tinha que apanhar mesmo e pronto, nos chamaram de vadias também.

Em Joaquim Nabuco houve algo pior. Durante nossa apresentação à noite no centro da cidade, fechamos a rua enquanto nos apresentávamos, e um homem que dirigia um carro resolveu que passaria de qualquer forma. Buzinou insistentemente, e acelerou o carro na nossa direção. As companheiras que nos acompanhavam fizeram um cordão de isolamento para que ele não passasse. E continuamos a apresentação com mais garra ainda. Algumas nem viram o que estava acontecendo de tão concentradas e só souberam depois, quando terminou.

Tínhamos que fingir que não estávamos ouvindo aquilo e dar continuidade às apresentações porque o nosso papel era exatamente esse: incomodar o público tentando mostrar que essas atitudes machistas e racistas não eram normais. Era pra isso que estávamos ali.

É muito gratificante pra mim, mostrar e ver no rosto das pessoas, que estávamos passando essas mensagens de violência, racismo etc., a elas que temos nossos direitos, alguns se identificava com alguma cena, porque já tinha passado por essa situação. E agora viu que tem as leis e seus direitos.

As pessoas parabenizando todo o grupo, pelo belo trabalho feito. Eu me sinto muito feliz em lutar pelo fim da violência principalmente, de uma forma diferente: “Teatro”. Kelle.

As Loucas da Mata Sul também tiveram participação no ato Marcha das Mulheres em Recife, contra a violência e Racismo. A reação das pessoas nas ruas por nos ver caracterizadas de forma diferente, era de curiosidade e apoio que foi percebido por nós através do acolhimento e estímulo que sentimos quando as pessoas repetiam nossos gestos e palavras. Lutando pelo mesmo objetivo que para nós às vezes se parece tão distante por vivermos numa sociedade que ainda considera a mulher objeto, alguém criado para atender desejos e vontades de seu dono, e sendo negra, ser usada ainda mais ferozmente como tem acontecido desde as senzalas até agora.

A Marcha das Mulheres Negras em Brasília foi o que se pode chamar de marco histórico. As Loucas da Mata Sul tiveram participação nessa grande ação nacional pelo fim da violência contra as mulheres negras, pelo fim

do racismo e pelo bem viver.

“Estar entre aquelas mulheres, de vários estados brasileiros, irmanadas, unidas... Uma mistura de turbantes e sorrisos, de Rostos que traziam consigo a garra dos ancestrais. Mulheres Negras que gritavam diante do preceito e discriminação...”

Theófila Lucena, louca, pedagoga, mãe, cuidadora, esposa, educadora, 36 anos

Desde a concentração até a marcha em si, o sentimento era de total comoção e luta. Uma alegria tão intensa, um misto de emoção (e quantas lágrimas nós vimos e derramamos) por estar entre tantas guerreiras, mulheres lendárias de força descomunal, dignas de todo o respeito e admiração.

Tivemos também a oportunidade de nos apresentar em algumas escolas para um público seletamente mais jovem. Esse público é mais receptivo e participativo. Não houve nenhum comentário constrangedor ou machista, ao contrário, eles ficaram atentos a cada cena, e reagem com sorrisos ou aplausos.

Depois das turnês o grupo começou a receber convites para apresentações nas organizações da região. Aceitamos os convites que pudemos aceitar mas a distancia entre as cidades onde as participantes moravam dificultavam nossos ensaios e reuniões já que não tínhamos recursos suficientes para manter uma agenda de ensaios.

As organizações que tem participantes inseridas no grupo ajudam como podem, cedendo espaço para ensaios, ajudando com as passagens para deslocação das loucas mas, no geral, tudo é bastante difícil.

A maneira como as Loucas da Mata Sul interferiu na realidade daquelas pessoas deixou com certeza marcas profundas em quem teve a oportunidade de assistir aquelas apresentações. As organizações da região, das cidades onde a intervenção foi feita puderam discutir de forma mais clara e objetiva os temas trazidos pelas loucas, porque, as reações do público nos possibilita analisar quais os pontos precisam ser mais trabalhados, ou trabalhados de maneira mais direta e contundente.

A partir dessa experiência, percebemos o quanto se faz necessário o auxílio de outras ferramentas de abordagem para os temas relacionados ao movimento de mulheres, outros mecanismos de transmissão de conteúdo, que abrace as pessoas, que não as acuse mas que lhes traga à realidade da sua postura machista e racista. O teatro de rua nos conduziu por uma trilha diferente para chegarmos onde desejamos: uma sociedade consciente e praticante da igualdade de gênero e raça.

Depoimentos:

KELLE

Minha experiência no grupo das loucas foi de grande importância para mim, pois desde o primeiro momento eu imaginava que nunca iria conseguir realizar junto com as colegas as apresentações teatral de rua para toda a população ali presente, interessadas a apreciar, a sentir cada cena apresentada. É muito gratificante pra mim, mostrar e ver no rosto das pessoas, que estávamos passando essas mensagens de violência, racismo etc., a elas que temos nossos direitos, alguns se identificava com alguma cena, porque já

tinha passado por essa situação. E agora viu que tem as leis e seus direitos.

As pessoas parabenizando todo o grupo, pelo belo trabalho feito. Eu me sinto muito feliz em lutar pelo fim da violência principalmente, de uma forma diferente: “Teatro”. Tivemos ótimas professoras de teatro, do grupo loucas de pedra lilás, que fizeram com todo carinho para que possamos ter uma excelente apresentação por ser a primeira vez de um grupo ser apresentado em praça pública. As vezes eu paro no tempo e fico imaginando, como é bom passar energia positiva às mulheres vítimas de violência e racismo. Agradeço de coração por ter passado por essa experiência, que será uns dos maiores desafios que lutei e consegui.

Itala

Bom em poucos palavras venho agradecer as minhas companheiras só tenho agradecer a vocês por ter me ajudado a senti segura com vocês e também fala um pouco do que eu aprendi com vocês, tipo nunca pensei que tinha direito de algo mas hoje sei que tenho e muito. É bom demais quando nos se ver para fazer nossas apresentações pra mostra que não temos medo, é muito bom fazer

parte desse movimento que descobri minha negritude que eu não tinha conhecido ainda.

Érica

A minha experiência foi ótima com todas, é gratificante pra mim repassa para as pessoas a importância dos nossos direitos, e ver que está sendo gracioso e respeitado pelas pessoas no Teatro, foi mais um desafio de grande importância e responsabilidade que consegui realizar junto com todo grupo. Foi bom todas nós participarmos do grupo, desistir nunca vamos sempre lutar pq é importante pra mim e pra todas.

ALDA (QUERIDA)

Eu sou Alda Maria, tenho 34 anos e vou contar um pouco como foi minha experiência de participar do grupo de teatro Loucas da mata sul. Eu participava do projeto de Enfrentamento a violência contra as mulheres do SOS corpo no início como ouvinte e depois como educadora infantil, em uma dessas formações que o SOS corpo fez na AMAP surgiu a ideia de fazer uma intervenção em praça pública com a apresentação do grupo de teatro Loucas de pedra lilás, eu ganhei a ideia excelente, eu era uma admiradora do

grupo, fiquei super empolgada com a ideia mais não aceitei fazer as oficinas, porque eu não me identificava com teatro, eu era muito tímida, não iria conseguir passar a mensagem para o público.

Quando aconteceu a primeira oficina eu não participei, mais sentia uma vontade enorme de colaborar com minhas companheiras, aí depois uma das loucas da mata sul (Theófila) me convidou novamente, porque uma das meninas que ia participar das apresentações do grupo desistiu, e dessa vez eu não recusei o convite, fui uma loiça mesmo porque já tinha um compromisso de ser educadora infantil e aceitei mais um desafio. Comecei a fazer parte dos ensaios e ganhei de presente o papel de uma médica arrogante e racista. Quando fizemos a primeira apresentação eu ouvia das pessoas nas ruas que era daquele jeito que elas eram tratadas nos órgãos públicos de saúde, no início senti um pouco de medo das reações das pessoas, mais depois compreendi que eu estava uma mensagem e que as pessoas estavam entendendo. A cada apresentação me sentia mais fortalecida, até que chegou o dia que viemos nos apresentar na minha cidade Água Preta, eu

fiquei muito nervosa e achei que foi umas das cidades com o público mais preconceituoso e machistas . Mesmo com todo nervosismo não me deixei levar e concluí o que eu tinha vindo fazer .

E não paramos mais , ainda somos convidadas para nos apresentar em alguns locais e até agora eu não sei se levo jeito para o teatro , só tenho a certeza que não consigo e não quero me calar diante dessa sociedade machista e racista.

THEÓFILA

Oi! Meu nome é Theófila e eu sou louca!!!
Tenho 35 anos, sou casada e tenho uma filha linda, a Ágatha!

Fiz parte de um grupo de teatro mambembe há muitos anos atrás e desde que “cresci” deixei para trás essa experiência. Sou sócia da Associação de Mulheres da água Preta e foi através dessa ong que fui convidada a participar da oficina que As Loucas de Pedra Lilás viriam realizar e me animei toda. Sou fã e admiradora do trabalho delas há séculos. Durante a oficina, uma esquete foi criada e como eu gostei!!! Me sentia outra vez disposta a me mover numa direção. Precisei

adaptar alguns horários porque eu cuidava do meu pai, acamado, totalmente dependente de mim, cuidava da minha filha também. Mas meu coração não cabia em mim de ansiedade e animação!

Cada ensaio, cada viagem, era uma correria pra mim, e mais um dia de sensação de dever cumprido. Quando chegava o fim do dia, eu me sentia realizada enquanto feminista, mulher de movimento, mulher que faz a diferença.

Quando nos apresentamos em Água Preta, foi o MEU desafio.

Eu já participava das ações da organização que participo, já dava palestras sobre violência contra a mulher, sobre igualdade de gênero, sobre os assuntos que costumamos abordar dentro do movimento e sempre perguntava ao meu marido o que ele achava, e ele falava que achava bonito, que tinha orgulho de mim..

Nessa apresentação ele estava lá, com nossa filha. E como Água Preta é uma cidade pequena, os amigos dele estavam por todos os lados.

E lá estava eu, caracterizada, encenando as situações de violência comuns a tantas mulheres, ou em outro momento, de megafone

em punho, gritando:

_José, José, Prepara teu café! João! João!
Cozinha teu feijão! Ô Zeca, Zeca, lava tua
cuecaaaaaa!!!!

Mulher, mulher! Seja o quiser!!!!

E ele seguindo nosso toré, com nossa filha
nos braços, e os amigos e conhecidos pelo
caminho, me apontando, apontando pra ele,
e rindo...

Eu tentei tantas vezes perceber nos olhos
dele algum sinal de constrangimento ou ver-
gonha. Mas ele está sorrindo. Sem vergonha.
Eu percebi então, que o meu marido estava
falando a verdade quando dizia que acha-
va certo o que eu fazia, que tinha orgulho
de mim por eu estar erguendo a bandeira
da igualdade. Ele não se importou com as
gracinhas e piadas que ouviu, porque eu
ouvi.

Então, ser louca é pra mim além de orgulho,
motivo pra me fazer permanecer na camin-
hada do movimento feminista e de mul-
heres.

Eu sei quem sou. E sei que estou no lugar
certo. Sou louca!!!!

NIKKA

Essa formação das loucas pra mim foi um
desafio muito grande e uma experiência pq
eu nunca tinha atuado e era uma pessoa
muito vergonhosa e não tinha experiência
de teatro então dai fiquei uma pessoa mais
espontânea e mim desenvolvi bastante e que
é muito bom agente passar informações para
aquelas mulheres que sofre violência e pros
homens entender que mulher não nasceu
pra sofrer nenhuma agressão de nenhum
tipo.

E a reação algumas mulheres ficava triste e
abaixava a cabeça e tinha outras que dizia
é bem assim que acontece e tinham algum
homens que ficavam rindo enquanto agente
atoavam e dizia mulher safada tenhe que
apanhar mesmo e alguns diziam homem que
batem em mulher é um corvade

Tecendo redes pelo fim da violência

Uma experiência a ser contada

Analba Brazão Teixeira



Tecer redes. Como se tece uma rede? Uma rede é tecida por diversas mãos e tem vários pontos que se encontram: são estes pontos que a mantém e fortalecem. Este foi exatamente o desafio das mulheres da Zona da Mata Sul: tecer uma rede pelo fim da violência praticada contra elas próprias. Uma rede de solidariedade e ao mesmo tempo de resistência. O desafio foi aceito e elas teceram uma rede em que cada uma é um ponto da rede, um ponto que se liga com outros pontos: as redes locais, formando uma grande teia de enfrentamento à violência contra as mulheres na nessa região. Esta é a experiência que será brevemente contada.

O começo...

Durante três anos – de 2014 a fevereiro de 2017 - como educadora do SOS Corpo, participei da execução de um processo que, inicialmente, uniria formação e ação para o fortalecimento de quatro grupos de mulheres localizados em diferentes municípios: Joaquim Nabuco, Catende, Palmares (distrito de Serro Azul) e Água Preta. Como todos estes grupos integram a Articulação de Mulheres da Zona da Mata Sul, a ação de fortale-

cimento os transcendeu e buscou fortalecer, ao mesmo tempo, os grupos e o movimento regional que as mesmas integravam. Senti-me, como educadora e militante feminista, extremamente desafiada.

Iniciei meu percurso de trabalho no SOS Corpo em 2014, ano em que se iniciava este projeto. Não conhecia a região, não conhecia as mulheres, então, procurei conhecer o trabalho político e educativo que a instituição já tinha realizado com as mulheres dessa região, lendo as sistematizações escritas e conversando com as companheiras da equipe de educadoras da instituição. Assumi o desafio juntamente com a Simone Ferreira, que já tinha atuado como educadora nessa região e, portanto, tinha um acúmulo de conhecimentos sobre o movimento de mulheres da Zona da Mata Sul, assim como sobre a geopolítica dessa região. Foi uma ótima parceria nestes três anos em que atuamos juntas, aprendendo e nos desafiando.

Por aproximadamente cinco anos o SOS Corpo esteve afastado de uma ação mais sistemática com os grupos da região, contudo, por participar do fórum de Mulheres de

Pernambuco, de algum modo, acompanhava a atuação desses grupos, especialmente no que se refere à luta pelo fim da violência contra as mulheres, sendo esta a demanda apresentada para a instituição ao se pensar uma estratégia de ação para o projeto que ora terminamos de executar. Durante esses três anos aconteceram muitas movimentações na Zona da Mata Sul, relativas à luta pelo fim da violência contra as mulheres.

Nesse mesmo período o movimento de mulheres dessa região de Pernambuco se reinventou, se recriou, definiu novas estratégias. Foi um tempo que serviu para fortalecer e fazer florescer o que já estava plantado, pois a luta pelo fim da violência contra as mulheres na Zona da Mata Sul tem uma história que antecede esse período. Uma história de intensa luta tanto pelo fim da violência, como também pela instalação de serviços de atendimento na região, e que foi pontuada por campanhas que incluíam palestras nas escolas e comunidades, e caminhadas nas feiras livres entre outras ações.

Durante um período, porém, houve alguma desmobilização por falta de recursos finan-

ceiros e pelo agravamento da pobreza, depois que, em 2010, a região foi acometida por mais uma enchente, que deixou muitas famílias sem moradia. Muitas dessas mulheres perderam seus pertences e objetos de valor material e afetivo que faziam parte das suas histórias e tinham muito significado para suas vidas. Superando tais adversidades, elas retomaram as ações já em 2013, como nos foi relatado quando da primeira reunião de articulação para a execução deste projeto.

Portanto, minha atuação junto a esses grupos integrou a continuidade de um processo de luta e resistência das mulheres da região contra a dominação e a opressão que sofriam. A demanda que nos foi apresentada era a de fortalecer as ações dos grupos e a articulação de mulheres da Zona da Mata Sul, mediante a ação em rede entre as mulheres dos grupos, entre os grupos de um mesmo município e entre os quatro municípios partícipes dessa ação, notadamente para obter melhora da deficiente rede de serviços. Havia ainda o intento de estreitar a articulação regional e desenvolver o sentido de pertencimento ao movimento estadual e nacional.

Durante os três anos dessa ação, com o intento de que, ao fim, esse processo recobrasse e ampliasse a sua intensidade, foram realizadas atividades de formação na ação, diálogos com os gestores locais, seminários e intercâmbios regionais, atos públicos e incidências, e ocupações de ruas e praças com ações contraculturais.

Para isto, a proposta educativa foi pensada de modo a criar um espaço em que as mulheres pudessem partilhar as suas experiências como sujeito individual e coletivo, e a propiciar que essa partilha e a reflexão e elaboração coletivas da situação, na região, em relação à luta pelo fim da violência contra as mulheres as levassem a pensar em estratégias de luta e incidência política nos órgãos governamentais e também em ações voltadas para a sociedade em geral.

Embora focada, principalmente, nesses quatro grupos, essa ação abrangeu outros municípios da região, tendo sido possível realizar ações nas cidades em que o diagnóstico demonstrou um alto índice de violência contra as mulheres. Ribeirão e Escada foram os municípios com mais casos registrados,

sendo que em Ribeirão a maioria das mulheres vítimas era negra. Assim, a Articulação de Mulheres da Zona da Mata Sul, impulsionada por esses quatro grupos, realizou um ato público em Ribeirão para denunciar a situação da violência contra as mulheres naquele município e cobrar, em uma audiência pública, providências do poder público.

Como já afirmamos anteriormente, foram muitas ações importantes nesse processo. Podemos destacar as oficinas realizadas com crianças e adolescentes versando sobre violência, racismo e machismo, que consistiam em atividades lúdicas e educativas, sendo realizadas paralelamente às atividades realizadas com as mães. Inclusive, as crianças participaram das atividades de rua portando os cartazes/colagens produzidos durante essas oficinas.

Também podemos destacar as intervenções políticos culturais “Direitos na praça”, quando algum espaço público era ocupado em defesa dos direitos das mulheres, buscando-se sensibilizar e convocar a sociedade para enfrentar a violência. Para nós feministas, ações contra culturais tem se mostrado fun-

damentais para a luta pelo fim da violência contra as mulheres. São ações que buscam desconstruir a cultura patriarcal, machista e racista incrustada em nossa sociedade, e que tem conseguido chamar a atenção da população para a violência cotidiana sofrida pelas mulheres.

Durante a preparação para as intervenções de rua criou-se o grupo de teatro Loucas da Mata Sul. O roteiro da peça a ser apresentada por esse grupo foi concebido em uma oficina de autorreflexão e, assim, todas as suas cenas retratavam experiências vivenciadas pelas mulheres, o que incluía situações de violência física e sexual e de racismo, tanto nas relações interpessoais como experiências de racismo institucional nos serviços de saúde e na escola.

Utilizar esse tipo de manifestação artística nos espaços públicos, além de torna-los de fato públicos e nossos (já que para nós mulheres foi sempre destinado o espaço privado e negado o espaço público), também possibilitou recorrer a uma linguagem mais amplamente compreensível para denunciar a violência sofrida cotidianamente pelas mulheres.

As oficinas de autorreflexão

Nosso percurso pedagógico teve como ponto de partida a realização de oficinas educativas nos grupos de mulheres de cada município, para que assim fosse possível conhecermos o quadro da violência contra as mulheres nesses mesmos municípios, e como elas lutavam e organizavam a resistência individual e coletiva.

Para isso, recorremos à experiência do movimento feminista, muito utilizada nas décadas de 1970 e 1980: as oficinas de autorreflexão. Essas oficinas foram o ponto de partida para que as mulheres pudessem refletir a respeito de suas experiências com a violência, compartilhar suas dores e suas lutas, transformando essas dores em luta e se fortalecendo individual e coletivamente.

Para tratar de um tema tão doloroso como este, foi necessário recorrer a esta pedagogia feminista, que permitiu iniciar toda a ação com uma reflexão individual, na qual as mulheres pudessem focar a sua própria condição de ser mulher, que implica em ser militante feminista que luta contra

esta violência, e também a vive no seu cotidiano.

Já no início desse percurso era necessário proporcionar momentos que impulsionassem a reflexão crítica das mulheres sobre suas vivências; esse seria o ponto de partida para, apelando à criatividade, pensar e definir novas estratégias e fortalecer as estratégias já em curso para enfrentar o problema da violência. Era preciso, também, propiciar a compreensão de que mesmo sendo os grupos de uma mesma região, com condições de vida parecida, havia desigualdades entre eles, ao mesmo tempo em que havia muitos elementos em comum, pois todas suas integrantes eram mulheres. Essas oficinas tinham a duração de dois dias.

A manhã do primeiro dia era dedicada à autorreflexão. Na tarde desse mesmo dia e no dia seguinte acontecia a roda de conversa, na qual se pontuava e analisava o que havia de comum nos relatos da autorreflexão. Com base nessa análise definia-se o que é a violência contra as mulheres no contexto em que as participantes vivem, identificando-se como elas resistem e lutam pelo fim dessa

violência, e definindo-se que novas estratégias poderiam ser adotadas para enfrentá-la no município em que moram.

Nas rodas de conversa, as experiências individuais e coletivas eram mescladas com textos já produzidos pelo movimento feminista. Um dos textos básicos deste processo foi o marco teórico-político da Articulação de Mulheres Brasileiras, que traz em seu texto a compreensão de que a violência contra as mulheres é a mais perversa expressão de subordinação e controle da mulher nas relações sociais, em que as mulheres têm menos valor e menos poder em relação aos homens.

No momento nas rodas de conversa, cumpre registrar, o que era verbalizado pelas mulheres contribuía para o debate de como percebemos a violência em nossas vidas e aquilo que nos une, como mulheres, num mesmo coletivo, para reagir e combater essa violência.

Para estimular a autorreflexão criou-se um ambiente acolhedor com colchonetes e almofadas pela sala e, como primeira atividade, propunha-se que as mulheres fizessem automassagens, para que assim pudessem

olhar para si mesmas; em seguida cada uma procurava um lugar para deitar e ao som de uma música ia-se propondo que elas refletissem sobre experiências individuais de violência que marcaram as suas vidas.

A pretensão era criar um clima de introspecção e de reflexão. Depois deste momento, sentadas em círculo, cada mulher era convidada a, caso o desejasse, contar a sua experiência. Combinamos que este seria um momento para cada uma se expressar na primeira pessoa, pois estariam contando a sua experiência individual e que as demais a ouviriam sem interromper nem aconselhar. Esse seria um momento de acolhida, não de análise da experiência individual. Estabeleceu-se também um pacto de confiança entre as mulheres quanto ao compartilhamento das vivências e da intimidade de cada uma: o que fosse ouvido ficaria entre o grupo. Nesse momento de compartilhamento, ao falar da sua experiência, daquilo que haviam vivenciado, elas perceberam que a história de uma tinha semelhanças com as histórias contadas por outras. Eram mulheres jovens, mais velhas, negras, lésbicas, algumas moravam na área rural, outras em áreas

urbanas, mas a história de violência experimentada por cada uma delas apresentava muitos elementos comuns. Durante o processo realizamos também oficinas de autorreflexão sobre racismo e violência, por demanda apresentada pelas próprias mulheres. Nas conversas entre as mulheres e nos encontros de formação, essas oficinas eram apontadas como momentos de fortalecimento individual e coletivo, pois cada uma delas se reconhecia nas experiências relatadas pelas outras, por terem muito em comum com as suas próprias vidas apesar das diferenças. Relatavam um reconhecimento e autoconhecimento que lhes fortalecia o ânimo para continuar na luta. Ficou evidenciado, pois, que essa metodologia de autorreflexão segue sendo importante para o movimento feminista.

Seguindo como a música “tocando em frente” Ao encerrar esse processo sistemático de formação e organização junto a grupos de mulheres da Zona da Mata Sul, foi possível constar que, como resultado das ações relatadas, as participantes formaram um entendimento mais amplo e aprofundado a respeito da violência contra as mulheres na região e das estratégias para se contrapor a

esse quadro. Igualmente constatou-se ter se consolidado um maior engajamento desses grupos no movimento regional Articulação de Mulheres da Mata Sul, assim como um engajamento, um sentido de pertença, ao Fórum de Mulheres de Pernambuco, movimento de âmbito estadual, e um impulso para um maior pertencimento à Articulação de Mulheres Brasileiras. O desafio é compreender estes grupos, movimentos regional, estadual e nacional, como um único movimento que tem atuação local e nacional: a Articulação de Mulheres Brasileiras.

A luta na região continua e os grupos de mulheres permanecem levando a cabo suas ações locais para enfrentar o problema da violência, fortalecendo as redes de solidariedade e de resistência em seus municípios, assim como ampliando essas redes para ou-

tros municípios da região. Ao mesmo tempo seguem denunciando os casos de violência e a falta de políticas públicas. Elas continuam articulando a luta pelos seus direitos.

O desafio que fica é manter viva essa rede tecida por tantas mãos, garantir que todos estes pontos, às vezes mais frouxos, às vezes mais firmes, às vezes necessitando de novos pontos, de novas costuras, possam continuar resistindo e lutando pelo fim da violência contra as mulheres, especialmente no contexto atual, quando estamos direitos que conquistamos com muita luta.

Hoje, as mulheres organizadas nos quatro cantos do País, aí incluídas as da Zona da Mata Sul, defrontam-se com o mesmo desafio, que exigirá muito mais de nós todas na luta e na resistência.

No projeto gráfico deste livro foram utilizadas
as fontes *Another Shabby* e *Century Schoolbook*. O
papel da capa utilizado foi o Couché 240 g/m² e, no
miolo, o Reciclato 90g/m². Impressão e encadernação:
Gráfica Provisual
Recife, Pernambuco, 2017.



União Europeia

ISBN